

O CENTRO DE FLORIANÓPOLIS

E A RUA JERÔNIMO COELHO:

UM ENSAIO DE URBANIDADE NA PASSAGEM URBANA

RAFAELA REGINA DE SOUZA

ORIENTADOR_LUIZ EDUARDO FONTOURA TEIXEIRA

ARQ_UFSC

20162_TCC II

Sumário

1_ Apresentação	2
Agradecimentos	
Prefácio	
2_ Introdução	3
Motivação	
Trabalhos anteriores	
Objetivos	
3_ Introdução ao objeto de Estudo	4
A cidade real como objeto de estudo	
Problemáticas modernas e atuais: reflexões sobre o planejamento urbano	
Sujeitos Urbanos: indivíduo e experiência na cidade	7
Urbanidade: um conceito difuso	9
Passagens: híbridas urbanas e uma origem moderna da urbanidade	10
Referências	11
4_ Florianópolis e seu Centro como área experimental	12
O Centro de Florianópolis como área experimental	
Setor Oeste Praça XV	13
Rua Jerônimo Coelho: passagem e urbanidade potencial do Centro	14
Breve Histórico recente e características gerais	15
Elementos problemáticos e fraquezas	16
Uso e apropriação espontânea da rua	17
5_ Projeto de Intervenção	18
6_ Considerações Finais	29
7_ Referências bibliográficas	30

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador Luiz Eduardo Fontoura Teixeira pelos quase três anos de parceria muito frutífera na Pesquisa Itinerários da Arquitetura Moderna em Santa Catarina, pelas oportunidades e pelos ensinamentos na prática da produção acadêmica e da documentação do patrimônio. Ter a chance de confirmar tão jovem a aspiração para uma carreira profissional não tem preço.

Agradeço aos meus professores no curso, especialmente ao professor Américo Ishida, o aprendizado ainda será longo mas certamente os anos na graduação são a grande base dessa rota.

Agradeço aos meus amigos, especialmente a Bettina Chernicoski, Lucas Reitz, Marianna Godoy e Marcos Sansão, que dividiram a angústia, os anos de trabalho e as conquistas no curso.

Agradeço à minha mãe e minha irmã, pelo apoio que nunca faltou.

E ao meu parceiro, com quem divido os êxitos e dificuldades do caminho.

Prefácio

Entendo que um Trabalho de Conclusão de Curso deve caracterizar-se por uma síntese crítica unificando as disciplinas individualizadas na graduação, ao mesmo tempo em que prova aptidão e de certa forma o merecimento para o recebimento de um título. Como qualquer outro trabalho, mas este ainda mais, por sua importância hierárquica na minha trajetória até agora, tem como missão imprescindível contribuir no processo da construção da minha base profissional e humana, seguindo em frente no caminho de uma formação. Mas também tão importante quanto este objetivo, tenho também por meta pessoal atender o desejo de apresentar uma marca pessoal, autobiográfica, num fechamento de uma fase muito importante e que perdurou por uma boa parte da minha vida até agora. Fechamento de uma fase, ao mesmo tempo em que abre caminhos e me propõe a possibilidade de protagonizar minhas próprias ideias e práticas, sejam elas quais forem, práticas que pretendo construir num desenvolvimento ativo, sempre aberto para experimentar e intercambiar conhecimento. Este processo de construção (consciente) já dura pelo menos por todo o curso e chega agora a uma síntese (num momento feliz ou inconveniente) necessária, bem vinda e pessoalmente muito aguardada.

Para tanto, pretendo reconhecer de que forma pode se colocar a prática da arquitetura e do urbanismo no enfrentamento de questões da cidade real, buscando compreendê-la e propondo um exercício prático de intervenção urbana, que da mesma forma, pretende retroalimentar o pensamento com vistas de dar continuidade a uma trajetória acadêmica.

Motivação

Ao longo do curso, frente às particularidades ou limitações de alguns exercícios, prevaleceu uma falta no pensar a cidade real, que não é composta somente de aspectos técnicos, objetivos e oficiais. A vivacidade da cidade é sensível para além da teoria e essa urbanidade existe com, apesar de e mesmo na falta de projetos, ainda que de maneiras mais ou menos bem sucedidas para uns ou outros grupos de atores, essa diversidade contribui para a construção social e cultural plural que vivenciamos no dia-a-dia e que idealmente busca-se que a cidade proporcione aos indivíduos. Minha convicção é a de que o papel do profissional passa menos por oferecer soluções completas e impositivas, ficando mais no campo das intervenções sutis e participativas. Estas, com sua abordagem mais humana, podem ser mais bem aceitas pelos usuários, sem excluir a possibilidade de, se bem assistidas e planejadas, se tornar bem sucedidas em termos de capacidade resolutive, tempo e orçamento. Intervenções menos determinadas e determinantes podem ser tão ou mais responsivas e interessantes que grandes obras partindo do alto do conhecimento acadêmico. Pessoalmente, não acredito que a cidade ou a experiência estejam mortas ou estagnadas e tive a oportunidade de vivenciar o contrário nos meus anos de curso. Não pretendo que meu trabalho seja um resgate ou revitalização de concepções redentoras da cidade, pois a urbanidade almejada já existe em certos locais e à sua maneira, adaptável e vívida mesmo que não seja dentro das previsões da teoria, e sem necessariamente demandar intervenção para que isso aconteça. Inclusive, em se tratando de urbanidade, evidencia-se que a prática é igualmente ou ainda mais importante que a teoria na construção da identidade do lugar urbano. O propósito desse trabalho é tão somente ensaiar possibilidades, buscar compreender dinâmicas, sem pretensões ou agenda mais formal à priori. Este trabalho pretende ser processo e construção retroalimentada de pensamento e prática. Portanto, meu desejo com este é fazer uma reflexão sensível sobre a cidade e as pessoas, realizando no Centro de Florianópolis uma intervenção urbana propositiva modular e aberta à participação, que leve os temas discutidos do texto para a prática, buscando resumir algumas ideias refletidas nos anos da faculdade e investigando questões a desenvolver e continuar ampliar na prática profissional.

Trabalhos Anteriores

Participação de 2013_Atual
Pesquisa Itinerário da Arquitetura Moderna em Santa Catarina – Florianópolis - IPHAN
Base de dados – 50 edifícios

Publicação no VII Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo – Montevideo 2015
Itinerário das Galerias e Marquises Modernas de Florianópolis: Arquitetura produzindo novas relações urbanas
<https://upcommons.upc.edu/handle/2117/81333>

Objetivos

Propor uma intervenção sensível, participativa e factível inserida na área central de Florianópolis, consolidando a urbanidade já existente e compatível com a cidade real hoje.

Analisar a cidade real, constituída pelas relações entre indivíduos e a apropriação cotidiana do urbano pelos seus atores, mediadas pela arquitetura e sua conformação dos espaços.

Investigar o espaço de passagem em suas possibilidades urbanas de encontro com o diferente e experimentação urbana em movimento, trazendo à luz uma perspectiva de resignificação espacial frente ao senso comum da insensibilidade do sujeito passante.

Destacar o potencial do projeto de espaços urbanos e da arquitetura como essenciais nas relações urbanas e qualificadores de uma atmosfera de urbanidade.

Refletir sobre o papel do arquiteto e urbanista em sua atuação nas demandas da cidade real, procurando questões e problemáticas pertinentes para um posicionamento e uma prática consciente.

A CIDADE REAL COMO OBJETO DE ESTUDO

A cidade como fenômeno pode ser analisada pelos meios mais técnicos e precisos, em diagnósticos urbanos ou dados que podem ser compartilhados e compreendidos internacionalmente por profissionais e por vezes até cidadãos comuns; como também pelos métodos psicológicos e subjetivos possibilitados pela compreensão abrangente do comportamento humano (ver figuras ao lado). Cada um desses métodos pode ser altamente eficaz, mas torna-se apenas uma parcela ou representação do real, da cidade vivida e experienciada diariamente.

A urbe pode ser definida como fenômeno cultural, à medida que é produto do desejo e da expressão humana, uma construção sempre em processo. Formada e dependente de uma rede de relações entre o ambiente, ciclos históricos, cada indivíduo e a comunidade, assume formas diversas e dinâmicas, sempre vinculada a uma expressão no meio físico e técnico, bem como na esfera psicológica e virtual. É, portanto, inteiramente artificial, produto da atividade humana, e apesar de ter se tornado habitat da maior parte da população, não tem sua origem ou essência nas atividades de subsistência, mas sim nas aglomerações comerciais que se formaram desde a antiguidade, evidenciando o aspecto gregário e relacional da natureza humana.

Feita por pessoas, a prática social e política urbana torna-se movida por desejos coletivos. Esse fazer cidadão fornece significado humano ao aglomerado construído, enriquecendo suas camadas históricas. Ainda assim, o fator físico tem influência fundamental. A arquitetura tem o imprescindível papel de gerar o ambiente urbano, construir seus limites e interfaces. Dessa forma, a urbanidade pode ser vista como um produto de relações espaciais e temporais, uma síntese de elementos dos mais diversos, construídos ou virtuais. Vinculado à prática e a técnica, sempre está o elemento humano, seja no perfil de usuário ou do especialista, fazendo da cidade um sistema de elementos constituído indissociavelmente por pessoas e suas relações. Desta forma, a urbe torna-se palco do encontro do diferente, das contradições e de todas as características mais humanas e subjetivas. Se nos reconhecemos na interação com o outro, a cidade é o lugar essencial no qual o sujeito se faz.

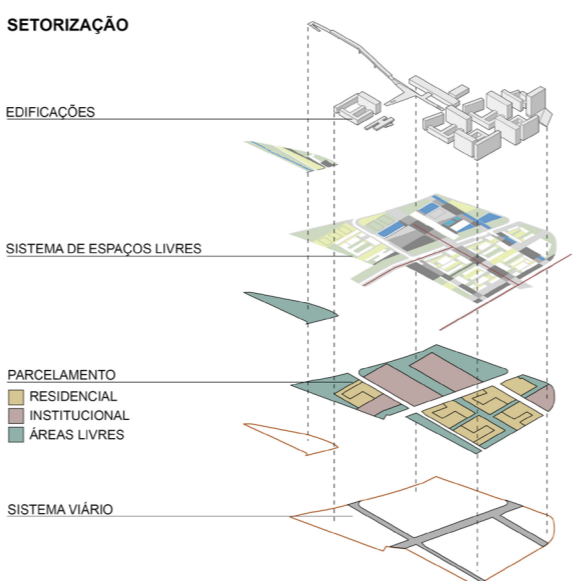


Diagrama de projeto urbano. Primeiro Lugar no concurso da Operação Urbana Consorciada Água Branca. Estúdio 41, 2015



Ilustração de mapa mental de bairro. Lan Truong, 2015.

A cidade, por sua dinamicidade e heterogeneidade no território apresenta uma grande complexidade, difícil de ser compreendida em seu todo real, de dissecá-la e classificá-la dentro dos métodos científicos e das disciplinas acadêmicas como as conhecemos. São notáveis as possibilidades que a urbe anima, abraçando diferentes sujeitos e modos de vida e em certa medida mesmo influenciando uma multiplicidade individual de seus cidadãos. Ela nasce como local de trocas comerciais e culturais, tornando-se local para o conflito e o encontro do diferente. No contexto atual, no entanto, Harvey (2004) identifica uma primazia da cidade como local de produção, em detrimento das camadas mais subjetivas presentes no subtexto urbano.

Problemáticas modernas e atuais: reflexões sobre o planejamento urbano

Com crescimento urbano, o indivíduo moderno fica frente à massa na aglomeração das cidades industriais. As próprias características da máquina podem ser reconhecidas nos cidadãos à medida que a organização temporal e os hábitos relacionados com a divisão do trabalho assalariado se estabelecem. Nesse contexto, a constituição do sujeito típica da vida artesanal pré-industrial se torna um conceito distante, bem como a subjetividade do homem comum frente à comunidade. Fazer-se sujeito na cidade e vivê-la diariamente como cidadão torna-se desafio.

Esse cenário urbano de aparente sufocamento do "eu" é uma concepção que não considera a possibilidade da cidade como palco para as sombras e nuances típicas da condição humana que a compõe, criando falsas oposições irreconciliáveis entre conceitos como liberdade e igualdade; comunidade e individualização. Esta concepção refuta o reconhecimento de que a cidade, como local de abundante de relações entre sujeitos distintos é, portanto, palco do conflito, da experiência e das possibilidades.

Permitido pela dinâmica e pelo anonimato urbanos, arquétipos citadinos e dimensões psicológicas inéditas começam a se apresentar. Verdadeiros personagens da cidade, exemplos como o flâneur e o basbaque são documentados por Benjamin na sociedade urbana como produtos urbanos. Também outros personagens menos oficiais surgem com características ou hábitos marginais nem sempre estimados ou lícitos.

Ainda que relegados à esfera do invisível ou propriamente excluídos, suas atividades parecem tornar-se endêmicas à medida que são acolhidas pelo anonimato urbano, retroalimentadas pela dinâmica da cidade. Os marginalizados são parte do corpo da cidade e a relembram de suas possibilidades de subsistência e reinvenção através da delinquência.

O próprio ato de planejar a cidade ou realizar um projeto urbanístico gera contradições implícitas à tentativa de prever uma solução ou situações de uso dentro de um ambiente tão dinâmico como o urbano. Intervenções na cidade tendem a ampliar suas limitações quanto mais dedicadas na tentativa de criar um todo perfeitamente adaptado a um programa determinado. Acompanham-se dia-a-dia os usos dos espaços e os usuários se diversificam, criando novas necessidades, anexos e retrabalhos, no contexto brasileiro grande parte das vezes fora do controle do técnico. A experiência mostra como é infrutífera e utópica a busca por prever todas as possibilidades de um espaço, especializando seu uso, em detrimento de uma cota de indeterminação funcional, que torna os espaços mais permissíveis e amigáveis. Do ponto de vista do indivíduo, essas contradições se evidenciam, por exemplo, na falta de qualificação para determinadas atividades e/ou necessidades, desestimulando até mesmo a presença de certos usuários, gerando improviso, exclusão ou até mesmo experimentações criativas bastante frutíferas por iniciativa de grupos ou indivíduos. O planejamento mal sucedido na maior parte das vezes não impede o usuário de produzir os meios para atingir suas necessidades espaciais. Para o técnico, essa realização do projeto na prática muitas vezes por mostrar-se como alienação de ideias ou ser vista como deturpada. Portanto, evidencia-se um descompasso infelizmente comum e frequente entre a prática de projeto e a vivência espacial, entre a teoria e o real.

Parece prevalecer a divergência entre a cidade planejada e a vivencial. Certeau (2008) apresenta o conceito de cidade metafórica como uma urbanidade em movimento, em oposição a uma cidade teórica fragmentária, que captura cenas e possibilidades dentro da cidade dinâmica e a torna mais inteligível e trabalhável do ponto de vista técnico. Esses conceitos dão a entender uma concepção de cidade com camadas de significação, formada por elementos urbanos planejados e oficiais; bem como outras camadas virtuais de relações, ou fluxos, como definido por Milton Santos (2011), esta com alta dinamicidade e difícil síntese acadêmica. Prevaecem os projetos feitos

por indivíduos ou pequenos grupos, enquanto a experiência vivencial continua a ser espacializada por todos aqueles que ocupam a cidade. Portanto, o planejamento bem sucedido de cidades tem diversas variáveis provenientes da pluralidade humana que na sua aplicação tem notadamente sido negligenciadas. Encontramos comumente espaços mal planejados, que não facilitam ao indivíduo que o experimente na liberdade de sua própria subjetividade, que faça parte ativa do jogo urbano.

Encontramos também cidades que não propiciam que a utilização e a vivência de seus espaços moldem os lugares, apresentando discursos em sua composição de tal forma executados que acabam por substituir a prática por concepções. Torna-se lugar comum a existência de não lugares, conforme apresentado por Marc Augé (1994) dentro da circunstância da supermodernidade, um excesso factual, espacial e de individualidade, refletindo em espaços deficientes de relações e significância, *"onde o indivíduo se experimenta como espectador, sem que a natureza do espetáculo lhe importe"* (p.80).

O lugar é um constructo de relações sociais intermediadas pelo espaço gerando identificação para o local (Castello, 2005). Hoje esse processo também é muito influenciado por relações econômicas, que tendem a gerar homogeneização pela segregação do diferente, diminuindo a dinamicidade urbana e em certa medida esvaindo a riqueza das relações sociais. O lugar é um mediador indispensável na vivência de experiências na cidade, pois o caráter de identidade fortalece a possibilidade de relação e troca com o ambiente. Sem lugar a verdadeira essência do urbano fica prejudicada e se esvai de sentido. (Figura A e B)

A presença da memória e da apropriação coletiva do espaço adiciona camadas de significação que imprimem a característica de lugar ao ambiente, *"princípio de sentido para aqueles que o habitam"*, segundo Augé. A realização destas apropriações tem nomeadamente sido estudada em diferentes campos da teoria, mas torna-se notável uma carência de ensaios ligados à prática e à materialização do real, restringindo-se ao campo das artes, sobretudo dentro da noção de flâncina da virada do século XX, deambulações do grupo Dadaísta e das derivas Situacionistas. Segundo Paola Jacques (2014), *"O Outro urbano é o homem ordinário que escapa – resiste e sobrevive – no cotidiano"* (p. 23) e ao perder esse entendimento do outro, perde-se também a experiência "cada vez mais rara nas cidades contemporâneas: a experiência urbana da alteridade" (p.19).

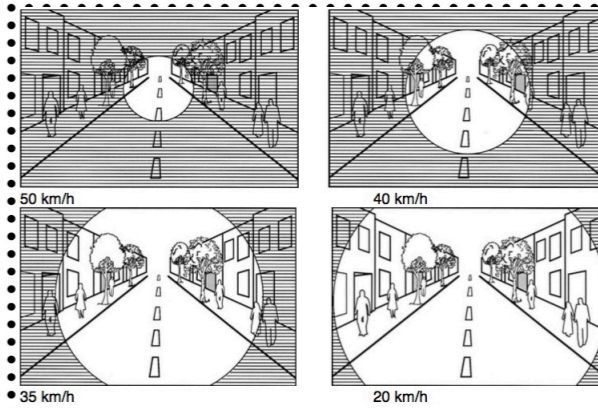


Figura A. Sobre Experiência urbana contemporânea. Campo de visão do motorista de um automóvel limitado pela velocidade do veículo. Atualmente esta tende a ser a maneira como os indivíduos mais tem a oportunidade de experimentar a cidade. ITDP, México, 2015

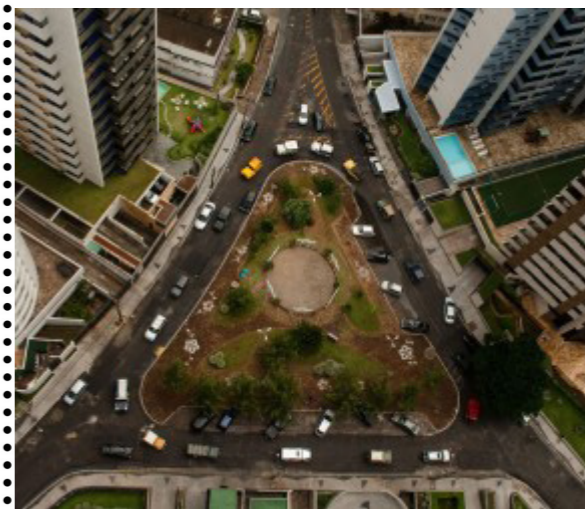


Figura B. Cena do documentário Praça Walt Disney. O espaço da praça segregado do uso e da cidade pelo "carrossel" de veículos diário. Sergio Oliveira e Renata Pinheiro, Recife, 2011.

Essa perda de diversidade e correspondência, em Certeau, pode ser entendida como uma perda do lugar, que é animado pela experiência de “ser outro e passar ao outro”, portanto um empobrecimento das possibilidades e da experiência da cidade. Ao mesmo tempo tem-se então uma perda do sujeito por seus meios de diferenciação e da cidade por seus meios de ressignificação pelos conflitos humanos e subjetivos.

Como objeto ameaçado em seu declínio da experiência urbana, a cidade passa a ser sintomaticamente matéria para registro e proteção em acervos de museus. Cristina Freire (1997) documenta alguns desses exemplos em seu livro “Além dos Mapas”, como a importante exposição Mapping realizada no MoMA ou Visiones Urbanas-Europa 1870-1993, realizada em Barcelona no mesmo ano de 1994. Esta cidade que apresenta espaços públicos esvaziados de relações de sentido também passa por um processo de desuso e desidentificação para o qual contribuem diversos fatores, um deles, muito latente no contexto brasileiro, é a insegurança urbana, o medo que torna as ruas fronteiras para a liberdade.

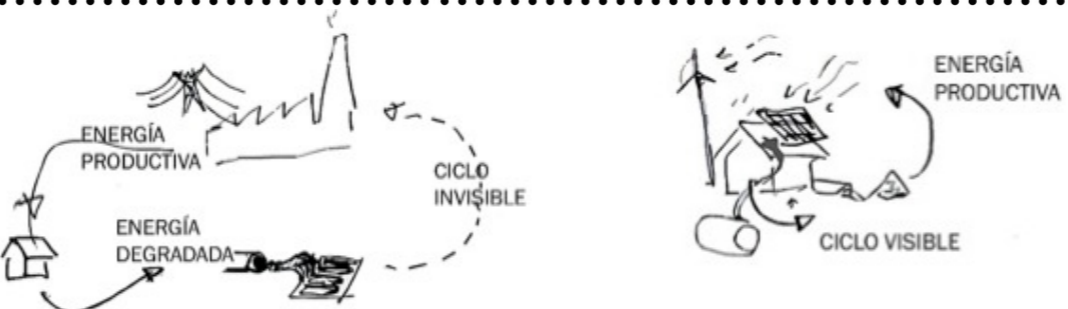
Autores como Castello (2005) corroboram a ideia de que no contexto atual o consumo está presente em todas as esferas da vida cidadã, modificando a maneira como se usa e projeta o espaço e adicionando-se uma forte característica econômica terciária aos espaços públicos em geral. Os espaços culturais, de memória e lazer são compreendidos dentro da lógica de mercado, reimaginados em termos de entretenimento (espetáculo) e comércio (consumismo). Outra característica desse contexto atual é, portanto, a privatização do tempo livre. O Lazer, visto pelos situacionistas como expressão cultural do jogo, do subjetivo e do pessoal em relação com o urbano, se torna artifício que contribui na lógica de mercado para dessensibilização e consequente perda da noção de sujeito. O lazer urbano e a experiência participativa não alienante do lugar se perdem nas tendências mercadológicas que norteiam a concepção e ditam ao cidadão o roteiro de atividades e a maneira de se comportar, mesmo nos momentos de ócio.

Para Rolnik (2000), a prática urbanista moderna de segregar a cidade por funções gradualmente suprime a diversidade, as dinâmicas urbanas e as relações sociais e políticas possibilitadas pelo urbano. As cidades segregadas que se originam desse pensamento tem tendência a espaços privatizados com alta qualidade de vida em contraste com outros inóspitos, geradores de medo. Ambos, no entanto, inspiraram a academia no uso de termos como desurbanismo e anti urbano.

Essa cidade segregada e homogeneizada, carente de urbanidade, oferece poucas oportunidades para experimentação, afeto e relações de identidade e pertencimento do usuário com o espaço. “A ideia de cidade, a ideia de polis, a origem das cidades, surge do princípio da igualdade de diferenças: o fato cidade se funda na possibilidade de pessoas diferentes poderem viver em conjunto e estabelecer um contrato político entre elas.” (Rolnik, 2000). A tendência a privatização dessas relações que se colocam intimamente ligadas ao lazer urbano se tornam sintomas e causas do aprofundamento da despolitização e do abandono de espaços públicos.

A divisão moderna de funções e o lazer como privilégio segregam ao espaço público a mera função de circulação, assim como o papel do governo e do técnico fica minimizado para atuação nessa instância, por omissão ou impossibilidade (Rolnik, 2000). Em contrário, o lazer livre, quando interconectado com a malha urbana e todos os seus usos em sobreposição, tende a se tornar sinônimo de qualidade de vida, termo que na lógica do mercado tem sido utilizado em prol da segregação, mas que em termos urbanos deve essencialmente se relacionar com a multiplicidade, sobreposição, experimentação e geração de urbanidade.

Nesse contexto, o planejamento urbano como herança moderna vem sendo criticado por sua inflexibilidade a adaptação, seja ela por via formal ou informal. O planejamento urbano tradicional tem baseado sua atuação em proposições executivas completas, mas atualmente o pensamento tem avançado sob a um conceito que começa a ser desenvolvido na última década, o Adaptive Urbanism, semelhante ao urbanismo tático ou participativo, que consiste no projeto baseado no processo do desenvolvimento de ferramentas quase como num catálogo de soluções aceitáveis que seguem diretrizes de intervenção, sempre que possível com a participação popular. Dessa forma o objetivo é que se garanta que critérios gerais para uma área sejam definidos e atendidos dentro da premissa de uma diversidade de soluções, como num projeto multidisciplinar de fim aberto (open-ended). (Vallance et all, 2014)



O “ciclo invisível” de produção de transporte e distribuição da energia na economia de mercado. Frente ao “ciclo visível” informal. Miguel Gómez Villarino, 2015.

Planejamento Urbano Contemporâneo desde a América Latina

Segundo o trabalho do Arquiteto Miguel Gómez Villarino, passamos por um momento de revisão dos parâmetros da ONU para urbanização global pela experiência latinoamericana. O processo de urbanização na América Latina não é homogêneo e ainda não está totalmente esclarecido em seus aspectos próprios de autoconstrução urbana. Gómez destaca a diferença entre o processo espacial de urbanização e o fenômeno da urbanização global, que é essencialmente econômico, a passagem da subsistência para a economia de mercado.

No contexto continental, essa urbanização se traduz em uma cidade formal, pautada pelo planejamento urbano, e a tríade economia, tecnologia e governo, com participação do cidadão diminuída. A outra cidade é a informal, marginalizada e apesar de se interseccionar com a cidade “oficial”, é invisibilizada ao planejamento ou as três esferas do sistema. A cidade informal é autoconstruída e em sua certa precariedade que se assemelha a organizações pré modernas, tem muita participação cidadã. Gómez coloca entre as mudanças que podem gerar quebra nesses paradigmas urbanos o impacto de novas tecnologias como a geração de energia na residência e outras tecnologias colaborativas, levando os profissionais a pensar a cidade em prazos menores e utilizar recursos de planejamento urbano considerando a informalidade e trabalhando com o existente.

Essa nova visão do planejamento urbano como ação social mais do que uma disciplina independente admite que o projeto urbano não é a prova de falhas e dessa forma abre espaço para a experimentação, para o uso de diferentes materiais que permitam idealizar essas tentativas com baixo custo, para a troca com outros profissionais e cidadãos, a valorização da memória e a identidade do local, no objetivo comum de buscar perspectivas para as problemáticas das cidades hoje.

Portanto, esse pensamento contemporâneo acerca das cidades se torna um tópico importante a ser elaborado em discussões sobre a prática do arquiteto e urbanista, de forma mais inclusiva e comunicativa, num verdadeiro empoderamento social do cidadão comum.

Para Rolnik (2000), o projeto de cidades mais democráticas e múltiplas não só é necessário para o direito a cidade como também é a única alternativa sustentável. Dentro desta concepção de cidade como uma rede de relações em processo, planejá-la como uma unidade completa ou esgotar seus dilemas passam a ser metas próximas do impossível, mas pode-se melhor compreendê-la dentro de complexidade e multiplicidade condizentes com os fenômenos reais e intervir relacionando elementos dentro da experiência vivida, não somente no campo das hipóteses e do desenho.

Sujeitos Urbanos: indivíduo e experiência na cidade

Já no limiar do desenvolvimento urbano moderno que originou a cidade como a conhecemos hoje surgiram questionamentos sobre as relações dos sujeitos e o novo meio cotidiano em processo de criação e descoberta, bem como da crescente densificação populacional que gera novas relações em sociedade. Referências como o sociólogo Georg Simmel (1903) e Walter Benjamin já no final do século XIX se preocupavam com as influências que a modernidade urbana tinha sobre o sujeito, e coincidentemente ou não, possivelmente pelo viés subjetivo e pessoal de suas preocupações sociais, ambos tiveram dificuldades em se colocar na rígida academia em seu tempo.

Simmel documenta essa ruptura no modo de vida e no enfrentamento individual do cotidiano dando especial atenção ao contraste do modo de vida no campo, habitual e com uma certa aura, para o modo de vida urbano, que força o indivíduo a se confrontar com a massa e a máquina, modificando a concepção de sujeito em sua dimensão psicológica. Ele problematiza esses conflitos que a cidade passa a gerar, documentando alguns tipos que na uniformidade e nos costumes do campo não encontravam espaço, os quais a urbanidade abraça como endêmicos. O flâneur, o basbaque, e até os tipos mais invisíveis e menos estimados em sociedade, como os mendigos, as prostitutas, os doentes mentais e os criminosos. Para ele, a cidade é diversa e se retroalimenta dos diversos indivíduos para ampliar heterogeneidades, complexificando a massa e a existência de seus indivíduos, criando uma cultura urbana.

Dessa forma, a cidade se torna o lugar para o conflito entre as diferenças e as tentativas de sínteses sociais e culturais, um campo de embate condensado de produção de relações humanas, tornando dimensões psicológicas mais complexas parte integrante da existência da maior parte dos indivíduos no mundo.



Coletivo Teatro Dodecafônico. 2014



Carlos Alberto, Locutor e personagem do Centro de Florianópolis. Foto de Amanda Amaral, 2014.

Essa construção se deu e continua a se dar de maneira não linear e conflituosa, tornando a cidade o local em que quase todos, ainda que na ilegalidade, alcançam um lugar que o acolha; em que dicotomias alcançam nuances e complexidades que não permitem que conceitos opostos possam ser mutuamente excludentes e que contradições sejam quase que a regra que explica o fenômeno da urbanidade.

Se no moderno de Simmel, Benjamin e Baudelaire, o sujeito era inundado dia a dia com novas experiências ao ponto de achar a vida urbana caótica e sem solução, após um século a produção do século XX já tem outro "diagnóstico". Não parece que se perdeu a característica voracidade na experiência urbana, talvez até seja possível afirmar que esta aumentou proporcionalmente à velocidade do crescimento urbano e do desenvolvimento das tecnologias informacionais, mas autores mais contemporâneos, como Agamben (In: Jacques, 2014) revisam a prática da experiência, colocando sua prática como destruída, uma morte da experiência. Outros, como Guy Debord, junto com seus companheiros situacionistas desenvolvem a ideia de uma sociedade do espetáculo, dessensibilizada para a experiência e que vive ideias distorcidas da dinâmica urbana através da interferência do capital.

A essa ideia da perda da experiência e portanto perda do sujeito se juntam os escritos de Marc Augé, sobre o não-lugar, o espaço esvaziado de relações e outras, como as desenvolvidas pelo grupo Corpocidade (2010), da pacificação do espaço público, que denunciam as tentativas de uniformização do espaço, refletindo práticas urbanísticas oficiais de ordenação e ressoando em usuários mais massificados e alienados, pacificados, portanto. A problematização levantada nos anos 1960 sobre uma crise da experiência urbana permanece atual e se intensifica, sendo cada vez mais



A cidade projetada dentro da perspectiva situacionista por Constant Nieuwenhuys: Nova Babilônia. Vague Terrain

inadiável a necessidade de rever a concepção de cidade como vem sendo praticada e como ela reflete nesses sujeitos urbanos

Segundo os Situacionistas, a cidade era o nível de ação filosófico e artístico ideal para quem procurasse pensar questionar seu tempo e suas ações, bem como a vivência social. A cidade era vista como um ambiente rico e nevrálgico da transformação social, no momento deturpada pelo consumo e confrontos de poder alienantes para o indivíduo. Tornaram-se duros críticos do urbanismo e da arquitetura moderna, cujos ideais, para o grupo, se prestavam a essa cidade despolitizada e despolitizante. No entanto, a abordagem crítica da Internacional sempre se assumiu muito prática e enraizada na cidade, negando sua apresentação atual, mas não suas características. Inversamente, reafirmam o que tem como conceito de cidade real em sua posição, alegando que a verdadeira vocação urbana (e também da arte) de situar o jogo cotidiano e a participação de cada usageur conscientemente dentro do coletivo. Menos um poder do capital e do conhecimento técnico e mais distribuição horizontal da construção social entre os atores.

Dentro do ideário situacionista, através da noção de jogo como "criação comum de ambiências lúdicas escolhidas" e "experimentação permanente de novidades lúdicas" (IS, 1958. In: JACQUES, 2003), se estabelece a prevalência das relações múltiplas na dinâmica cotidiana e mesmo da necessária presença do fator lúdico é encarada como verdadeira definição do que deveria ser a vivência social. A ideia de jogo também tem sido apropriada pelo capital, transformando essas relações em meios de competição e de dissimulação do sistema, portanto apartado das situações comuns do cotidiano. Dessa forma, perde-se o potencial transformador do jogo cotidiano, que provocaria "condições favoráveis para viver a vida de forma direta" (IS, 1958. In: JACQUES, 2003), contribuindo sua ausência para a alienação. A recuperação do jogo no cotidiano seria, para os Situacionistas, um resgate de uma certa paixão mais genuína pela vida que tende a se perder com a espetacularização diária. Esse jogo de relações que pode ocorrer livremente no urbano mas passa a ser entendido como lazer privado ocasional possa ser resgatado como instrumento político e gerador de cultura e participação voluntária recorrente e natural, inseparável do cotidiano.

Raquel Rolnik aponta como a experiência atual do indivíduo na cidade tem se colocado dentro da problemática urbana e do modo de vida globalizado, uma existência focada na produção e no consumo, em que mesmo o lazer urbano se torna uma obrigação, o corpo cultivado e sempre em movimento fazendo parte da espetacularização de todos as instâncias da vida (Rolnik, 2000).

Segundo a Internacional, é uma relação entre a concepção da cidade e a ação dos usuários que reflete em consequência um comportamento cada vez mais politicamente apático, sendo através de ações práticas no urbano que se poderia reimaginar essa cidade e reverter esse comportamento. A configuração urbana, portanto, teria ampla influência sobre a dinâmica social. E o jogo, conforme Jacques (2014), seria "uma grande arma antifuncionalista que prioriza os usos e não as funções". E para os situacionistas, é preciso viver com consciência a dinâmica urbana e tomar parte em seu jogo de relações, deixando o papel de espectador para ser vivenciador.



Feira de Food Trucks em São Paulo. 2014.



Times Square para pedestres, projeto do escritório Snøhetta na Broadway entre as ruas 42nd e 47th. Inhabitat, 2010.



O Mercado Público de Florianópolis antes do restauro e sua frequência de pedestres no período noturno.

Urbanidade: um conceito difuso

A urbanidade se coloca como uma qualidade identificável nos espaços eminentemente urbanos e um conceito particularmente presente nas discussões sobre a cidade atual, ainda que, conforme afirma NETTO (2012), o consenso sobre o significado do termo esteja distante. Pela sua complexidade, não necessariamente uma definição simples seria uma meta interessante ou mesmo realista. Como conceito que pretende capturar quase que uma essência daquilo que é mais inerente ao urbano, a urbanidade não poderia deixar de ser um fenômeno complexo e até abstrato, tendo em vista o objeto de estudo no qual se identifica: as dinâmicas sociais urbanas.

O dicionário (Priberam, 2015), a urbanidade em seu conceito moderno é vista como qualidade do urbano e da vida na cidade, mais ligada ao comportamento no âmbito da civilidade e de um saber ser no mundo. O significado mostra uma ampliação do conceito forjado na idade média: relativo ao urbano ou ao governo de cidades (Dossier, 1980, p. 3). A evolução do termo mostra sua origem no âmbito jurídico, no qual ainda hoje representa o cumprimento de um acordo mútuo de regras sociais de civilidade e cortesia referentes ao cotidiano comum (Castro; Silva, 2016). Atualmente, estudada por arquitetos e urbanistas a ideia de urbanidade é usada e referida a características que representam âmbitos do urbano mais amplos e pormenorizados, como a qualidade de uso, diversidade atores presentes e a intensidade de interação entre espaço construído e espaço aberto. Essas características que já são pacificamente aceitas como presenças primordiais no espaço urbano, especialmente o de natureza pública. Demonstra um caráter almejado, portanto como um fim a que os espaços citadinos se propõem, um devir (Netto, 2010). Esse conceito, portanto, passa a assumir essa identidade de estudo de uma participação social no ambiente urbano, da sua utilização com naturalidade e segurança pelos cidadãos para atividades cotidianas. Nesse trabalho pretendo também ligar o conceito de urbanidade à experiência do sujeito no urbano e a propostas arquitetônicas que se coloquem mais abertas à renovação e participação

nas dinâmicas urbanas por via do acolhimento ao desejo do indivíduo de estar presente, se manifestar e experimentar a cidade fora do roteiro da apropriação comum, utilitária e atrelada ao mercado de trabalho.

A preocupação com esse tema, ainda que permaneça em discussão, não é precisamente contemporânea. Na XI Biennale de Paris, em 1980, seu primeiro ano contando com uma seção de arquitetura, a exposição de 850 m² com espaço concebido por Jean Nouvel se dedicou ao tema *À la recherche de l'urbanité*, em crítica à produção urbana do movimento moderno e procurando imaginar e disseminar ideias de jovens profissionais acerca da cidade atual. A bienal busca reavivar a importância dos espaços democráticos e de proximidade, gerando uma identidade comunitária em oposição à cultura consumista, um contexto ainda atual. A preocupação era uma cidade legível, inteligente, amigável, vivável (Dossier, 1980). O catálogo publicado da exposição apresenta em seu título uma valiosa pista do que significa a ideia de urbanidade: *A la recherche de l'urbanité: savoir faire la ville, savoir vivre la ville*, os saberes do fazer e do viver urbanos, demonstrando que esse fenômeno se explica em elementos intangíveis e relações humanas que tratam da verdadeira essência do urbano, concluindo em manifesto que é necessário uma reabilitação da prática arquitetônica e do planejamento de cidades, participativa e inspirada nesse "patrimônio comunitário" construído no convívio cidadão, valorizando e não suprimindo as diferenças que geram a dinâmica potencial urbana.

A urbanidade, enfim, é o fenômeno que identifica a identidade e conflitos de um local exprimindo e alimentando o estilo de vida dos indivíduos, é uma característica dinâmica que coloca “pessoas em relação com a cidade através da cultura e do *genius loci*. Ambos, pessoa e cidade podem ser enriquecidos com a urbanidade” (Nouvel apud Ellin, 1999, p. 54). Portanto, fica claro que a urbanidade é um conceito que traz vastas possibilidades de estudo e discussão para o campo da arquitetura e do urbanismo e como a cidade, esse fenômeno que advém dos efeitos do urbano sentidos nas relações, procura capturar a vitalidade urbana, interligando a experiência do sujeito com a participação coletiva mediada pelo espaço. A urbanidade tem grande complexidade, é formada de antagonismos e diferenças presentes na cidade real, observada nas escalas mais diversas, especialmente a do pedestre, e principalmente entre atores diferentes. Portanto pede por revisões e contribuições sempre renovadas tanto no campo acadêmico quanto na prática, bem como abordagens as mais multidisciplinares possíveis. Por ser uma qualidade relacionada com o ambiente urbano físico, mas também o virtual e intangível, suas manifestações são bastante diversas e específicas, relacionadas ao local e ao uso que os habitantes fazem do ambiente. Contribui para esse fenômeno e a qualidade de vida nas cidades a capacidade de espaços em serem propositivos e frutíferos em relações entre cidadãos e o ambiente construído em geral, de tal forma que seja um espaço bem sucedido na capacidade de comunicação e responsividade, portanto se relacionando em grande medida com o planejamento urbano.



Planta baixa da Passage Choiseul, a mais longa de Paris com 190m. iD Wad, 2015.



Passage Colbert, 1829, Paris. Wiki Commons.



Passage des Panoramas, Paris, 1800. A mais antiga coberta e um dos primeiros locais públicos a receber iluminação a gás na cidade. Behn L. Song; Michelle Susan. Wiki Commons.

Passagens: híbridas urbanas e uma origem moderna da urbanidade

Na virada do século XIX, juntamente com a concepção moderna de cidade, começou a se perceber a utilização do tipo da passagem ou galeria coberta como estratégia para renovar a imagem e o uso das cidades medievais que cresciam com a indústria. Partindo da iniciativa privada o investimento procurava qualificar e atrair as pessoas para as ruas mesmo frente à intempérie ou a falta de qualificação dos espaços públicos, carentes de sistemas urbanos e de urbanidade. As ruas medievais, sem calçamento e castigadas pelo clima rigoroso europeu ganhavam intervenções pontuais que ofereciam alternativa na forma dessas passagens, um complemento à malha urbana dentro do lote e de mais fácil execução do que a cada vez mais urgente reforma urbana que enfim se deu nessas cidades no século XX. Híbridas do público e do privado, do natural e do construído, esses tipos apesar de serem tão ricos em relações permanecem pouco documentados, possivelmente por serem uma arquitetura ordinária, cotidiana. Ainda que dentro do rito do consumo, essas arquiteturas ajudaram a forjar a ideia de cidade como a conhecemos, inspirando a arquitetura pública e o tratamento de espaços públicos abrigados e convidativos até os dias de hoje. Mais do que influenciar a maneira de comprar ou de se pensar a arquitetura, essas passagens mudaram o comportamento cotidiano do sujeito que se tornava cidadão. As passagens eram abertas e incluíam atividades sociais bem além do simples comércio de shopping urbano. Passear, ler a edição de hoje do jornal, tomar café, ver e ser visto eram hábitos que se fortaleciam, forjando a concepção de urbano e de urbanidade, de viver em sociedade sob um contrato de costumes. No Brasil, ainda que posterior, este fenômeno se deu com características semelhantes, revitalizando os centros históricos das cidades que começavam a se expandir com a arquitetura moderna. Na passagem, participar do espaço público é se fazer sujeito urbano, é um exercício de cidadania (Teixeira, Souza *et al*, 2015).



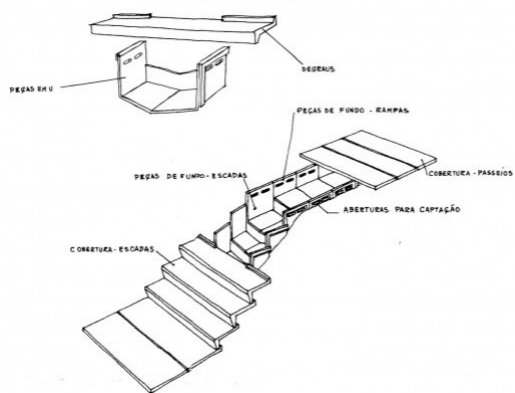
Referências

As fábricas de João Filgueiras Lima, o Lelé. (1979-1989).

As fábricas de João Filgueiras Lima, instituições sem fins lucrativos, sempre trabalharam junto com administrações públicas que favorecessem políticas sociais, cumprindo o desejo do arquiteto de prototipar um modo de construção em massa para atender demandas urgentes brasileiras. A preocupação do arquiteto sempre esteve na organização da construção e do canteiro, abrindo fábricas locais de pré fabricados que facilitassem o transporte e projetando módulos que tornassem intuitivo o trabalho no canteiro ainda artesanal brasileiro. Esse projeto legou de edifícios a mobiliário urbano em argamassa armada modular espalhados hoje por todo o Brasil, inclusive Florianópolis.

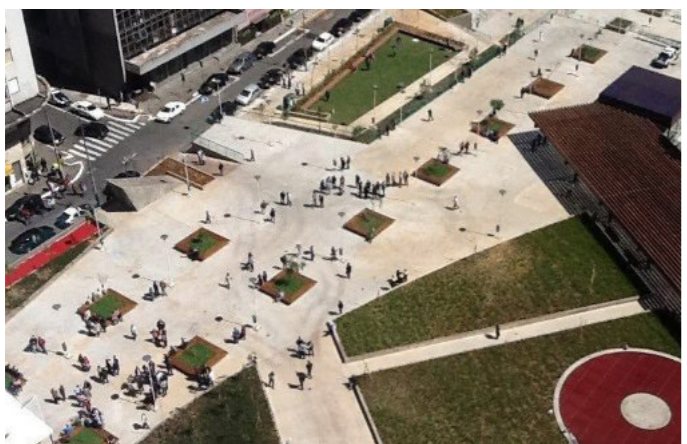


Escada drenante, Fábrica da Renurb, Salvador BA. Desenho de Lelé - Acervo João Filgueiras Lima - Lelé.



Praça Roosevelt, São Paulo. (2012).

Construída na década de 60, entre as ruas Consolação e Augusta a praça de 25 mil m² foi revitalizada em e reabriu em outubro de 2012, tornou-se ponto de encontro especialmente do público alternativo e dos skatistas já frequentadores da região.



Fotos: acima - Divulgação Prefeitura SP e à direita - Revista Veja SP.

Requalificação Urbana da Praça 7 de Setembro, Belo Horizonte. (2003)

A praça do Século XIX é marco zero do hipercentro de Belo Horizonte, localizada no cruzamento das principais avenidas da cidade – Afonso Pena e Amazonas. Em 1971, frente ao intenso trânsito metropolitano, quatro quarteirões circunvizinhos com ruas de 20m de largura foram fechados. Em 1989 foi lançado concurso público para revitalização da praça e sua integração ao acervo operacional do Museu Histórico Abílio Barreto. Em 2003 foi concluído o projeto, cada quarteirão foi projetado por grupos liderados por grandes arquitetos mineiros. Os grupos foram Éolo Maia e Jô Vasconcellos; João Diniz, Maria da Graça Moura, Márcia Moreira; Álvaro Hardy (Vevecó), Mariza Machado Coelho e Gustavo Penna e Flávio Grillo, esse último participando também de todos os grupos. Os quarteirões com nomes indígenas que homenageiam trobos mineiras contam com posto policial, coberturas metálicas ou de concreto, anfiteatro, e tribuna, sempre utilizando de mobiliário e estruturas simples como recursos pontuais para organizar o fluxo da rua e oferecer estrutura para serviços de rua, como telefones públicos ou comércio urbano, como floriculturas na via. A diversidade arquitetônica e de soluções trazidas pelos diferentes grupos de arquitetos, porém, contribui para a diversidade de ambiências urbanas e proporciona diferentes apropriações pelos usuários. Juntamente com o conjunto urbano da Avenida Afonso Pena os quarteirões foram tombados pelo município em 1994.



Fotos 1 e 2 ARQBH. Foto 3 Gustavo Pena Arquitetura.

Pop-Up City (2008-atual) Frente as mudanças frequentes e numerosas do contexto atual, encontram-se cada vez mais iniciativas sintomáticas como o Pop-Up City, website que desde 2008 documenta ações urbanas espontâneas ou não de atores como iniciativa pública, privada ou individual. São soluções inventivas e em geral bastante simples, procurando gerar hipóteses de soluções ou mesmo apenas uma discussão acerca das dinâmicas e necessidades das cidades atuais, cada vez mais globais, mas ao mesmo tempo com individualidades ricas que estimulam a possibilidade e criatividade de propostas flexíveis para uma cidade mais fluida, em processo.



People St'. Los Angeles, 2015.



People's Canopy. People's Architecture Office and In Certain Places. Beijing, 2015.

Florianópolis é uma cidade localizada em sua maior parte na Ilha de Santa Catarina, possuindo uma pequena porção continental. É tradicionalmente a capital do Estado de Santa Catarina, mas essa condição de referência regional nem esteve livre de debate por razões que incluem o lento desenvolvimento da cidade, caracterizada até meados do século XX por atividades de subsistência e com nenhum destaque nacional, mesmo frente ao contexto do nacional desenvolvimentismo. Especialmente após a década de 1940 intervenções estatais que fizeram uso da arquitetura como imagem do poder, procuraram fixar essa posição capital e imprimir na cidade uma nova imagem moderna e urbana, buscando carregar a cidade provinciana para o seu tempo. Já na década de 1970, a chegada da ligação efetiva rodoviária com a BR-101 e o incremento turístico, bem como o desenvolvimento da Universidade trouxeram as condições para expansão da ocupação numa explosão demográfica que trouxe a cidade ao contexto atual. (Teixeira, Yunes e Souza, 2014). Hoje a cidade é um conhecido pólo turístico, lembrada nacionalmente pelas belezas naturais e pelas ruins condições de tráfego, porém a principal atividade econômica está se tornando que o segmento de tecnologia, cujo faturamento já chega a 1,5 bilhão de reais, grande parte do faturamento do setor no estado. Essa vocação tem gerado grande investimento e voltado às atenções do mercado para a região.

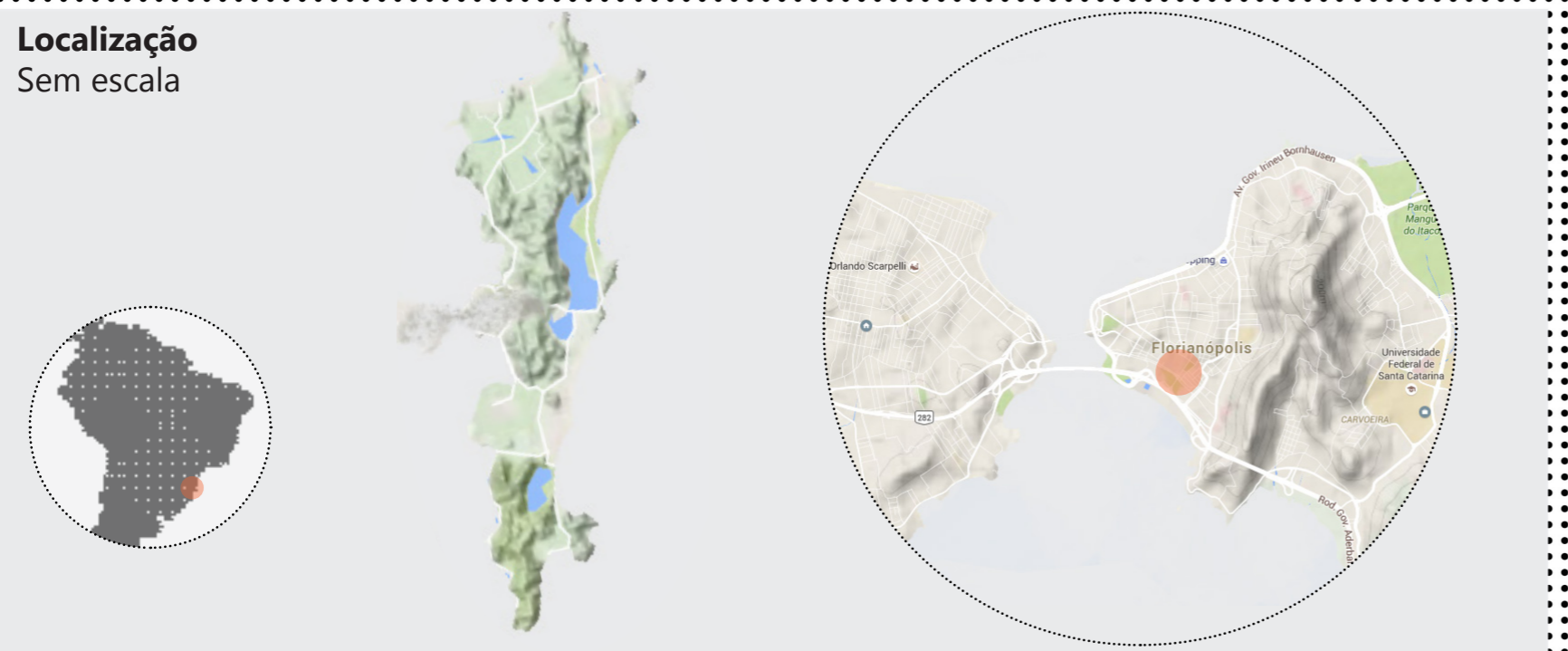


A região da Alfândega em comparação em foto do século passado e atualmente. ND Online, 2015.



A agitação da Rua Jerônimo Coelho atualmente. Foto da autora, 2016

Localização Sem escala



O CENTRO DE FLORIANÓPOLIS COMO ÁREA EXPERIMENTAL

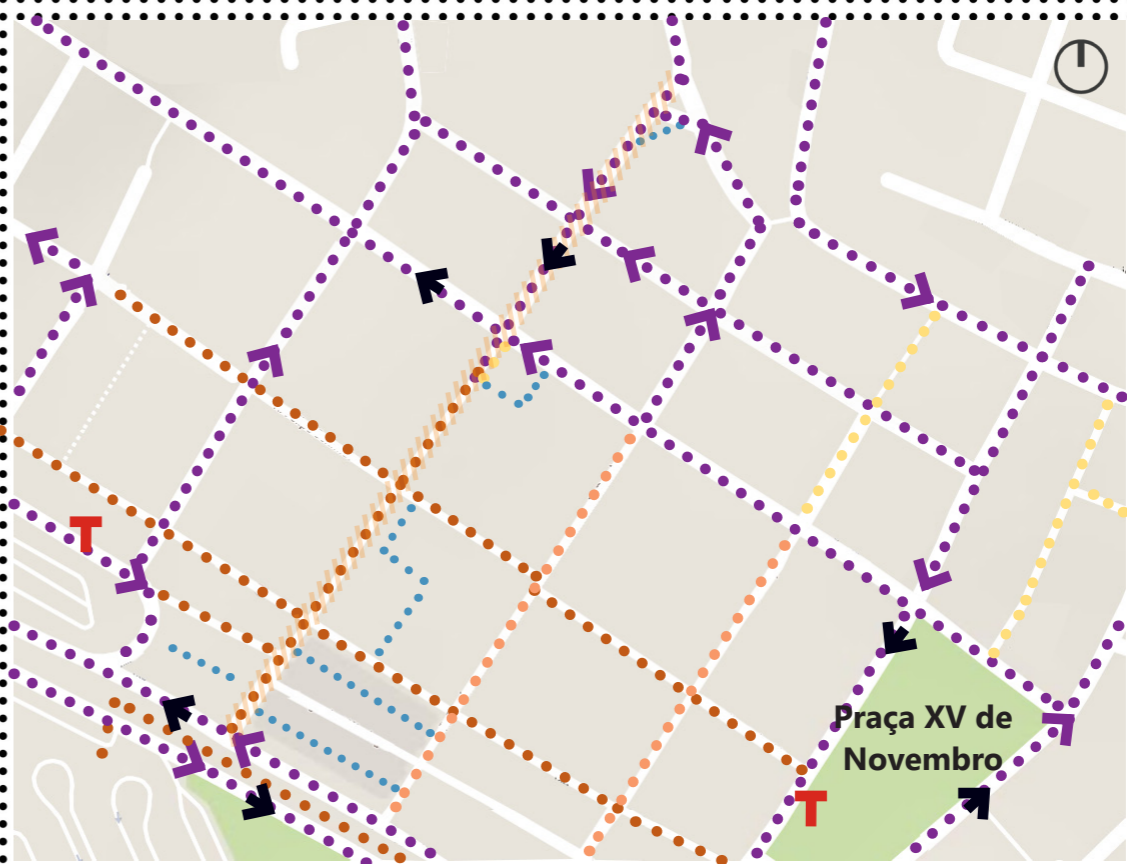
Naturalmente a escolha de um recorte de estudo em que se busca refletir sobre urbanidade e propor ações na cidade em suas relações urbanas mais humanas e dinâmicas em projeto de espaços norteados pela apropriação e usos criativos dos cidadãos acaba se voltando para o Centro histórico. Em Florianópolis essa ainda é a área com maior fluxo de pessoas a pé e com a maior diversidade de pessoas, desde os que apenas passam até os invisíveis marginalizados, os moradores de rua e trabalhadores ilegais. Portanto, a escolha do Centro, mais especificamente do calçadão aconteceu quase antes da definição em si da metodologia e do produto de trabalho, pois o desejo era trabalhar com a arquitetura e pensar o papel do arquiteto na cidade real e diversa, pensar na materialidade dessas relações de produção do espaço pelos seus atores, relações essas que se dão primordialmente na escala do pedestre, que no calçadão tem sua dinâmica o mais livre e democrática possível. A área do Centro tem sua força e vivacidade no comércio de rua e nas instituições sediadas, que juntas com a intersecção do transporte coletivo geram um nó de fluxos que mantém a área histórica de Florianópolis animada com toda uma povoação de tipos urbanos, do executivo ao turista passando pelo artista de rua. Este vigor torna-se também uma desvantagem, uma vez que uma área animada pela migração pendular de trabalho imperativamente sofre de esvaziamento nos períodos de reprodução da força de trabalho. Notadamente, as noites e os fins de semana são uma lacuna do Centro. Restam os jovens mais alternativos e os habitantes marginalizados nas ruas, as faltas de alternativas de lazer e do outro presente tornam o local inóspito para os não conhecedores ou os mais receosos, em que se encaixa a maioria dos locais e visitantes, inclusive muitos dos residentes que ainda não abandonaram o bairro em busca de áreas mais valorizadas ou com melhor infraestrutura de moradia.

No entanto, o abandono tem um potencial de uso latente que pode ser aproveitado. iniciativa privada também já age para entrar em seu lugar também necessário como ator no espaço público. No, Centro fundador, a prefeitura tem implantado parcerias com a Câmara de Dirigentes Lojistas projetos de revitalização de ruas isoladas, além do restauro de alguns edifícios históricos, especialmente o Mercado Público. Nos últimos anos o número de projetos parece ter crescido, culminando no final de 2015 com o anúncio do projeto Centro Sapiens na área leste da Praça XV de Novembro. Esse projeto lançado, mas sem cronograma, mescla incentivos ao setor de criatividade e tecnologia com ações urbanísticas de revitalização das ruas desse setor, hoje uma região menos valorizada e mais insegura da área central, por uma histórica falta de investimento e abandono de muitos edifícios do patrimônio que se deterioram no local. O projeto pode ser criticado, mas parece tentar atender e aproveitar a demanda tecnológica para ocupar uma área que precisa de alguma revitalização e pretende fazer isso atraindo a uma parcela mais jovem para uma apropriação com usos diversificados do local, ao estilo da revitalização de locais como o Soho de Nova York e outros bairros "tendência" em grandes metrópoles. Segundo o exemplo de outras cidades em que bairros abandonados acabam se tornando regiões procuradas através reativação da região pela parcela jovem criativa à procura de moradia acessível, o Centro tem dado sinais de que pode ir nessa direção. Por meio do uso residencial poderia se iniciar um processo que faria o período de uso ativo do bairro com segurança se estender. É papel do poder público e do profissional urbanista pensar e direcionar esses impulsos urbanos para a criação de espaços democráticos e com função social, que não abram mão da identidade e da memória. Esse é o desafio que já se apresenta no Centro, mas que tem sido enfrentado nos últimos anos com esforços tímidos e espalhados da prefeitura e do instituto de patrimônio.



O Mercado Publico de Florianópolis e o Largo da Catedral em dia de *Corpus Christi*. Foto da autora, 2015.

Setor Oeste Praça XV Mapa de Fluxos de pedestres



Sem escala.
Fonte: Google; modificações da autora, 2015.

- Rua Jerônimo Coelho
- Fluxo de veículos
- Transporte coletivo
- Ponto de taxi
- Fluxo pesado
- Fluxo moderado
- Fluxo ameno
- Percurso de galerias urbanas

A região do Centro Fundador no setor oeste da Praça XV se caracteriza por um fluxo intenso de pedestres, diretamente relacionado com a presença do **calçadão** exclusivo; e por um fluxo de carros e transporte coletivo pesado para a capacidade limitada da malha urbana remanescente do período colonial. As vias trafegadas por carros são caracteristicamente de sentido único, geralmente com duas pistas e calçadas com dimensões médias de 2m de largura. Essas dimensões modestas geram a sensação de o Centro ser muito animado durante o período comercial, que abriga as atividades que prevalecem no uso do bairro. Por outro lado, essa característica constrange o uso mais livre do pedestre ao calçadão, mostrando uma preferência dos locais mais adaptados e seguros no uso do pedestre. É importante destacar a presença das muitas **galerias urbanas** que funcionam como verdadeiro complemento a malha pedonal quando abertas e receptivas ao público, funcionando como fator dinamizador da apropriação do Centro.

Rua Jerônimo Coelho

Liga o **Mercado Público** até o **Centro expandido**

Circulam em média (IPUF)
100 mil pessoas/dia

Histórico recente

- 2003** Fechada para calçada
- 2012** 1ª fase Revitalização
- 2015** Anteprojeto revitalização

5 galerias comerciais
<70 estab. comerciais/serviços

203 m calçada
54 m compartilhado
170 m via pista dupla
427 m total
14 m desnível total

9 linhas de ônibus municipais
Cruzamento 15 Linhas Executivas
5 inter regionais
2 inter terminal
2 alimentadoras TICEN

Morro do 25 Via Gama D'Eça - 770	Cacupé Via Gama D'Eça - D-846
Morro do Horácio via Gama D'Eça - 767	Córrego Grande Direto - D-163
Barra da Lagoa Direto - D-360	Monte Verde Direto - D-168
	Saco Grande Direto - D-174
	Agronômica via Gama D'Eça - 131
	Canasvieiras via Gama D'Eça - 230

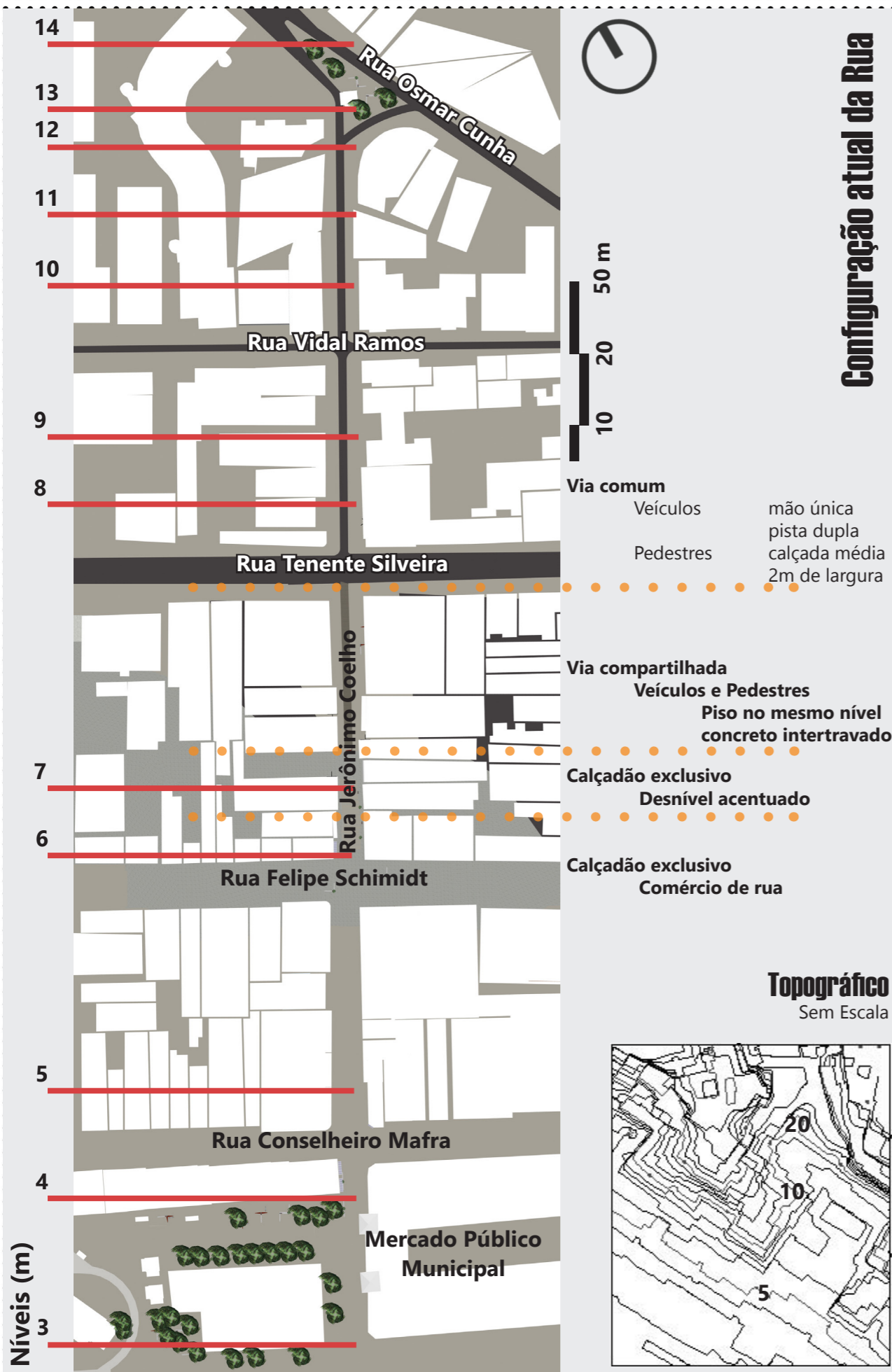


- Praça XV de Novembro
- TICEN
- Mercado Público
- Catedral/Igreja
- Rua Jerônimo Coelho
- Calçada
- Calçada compartilhado

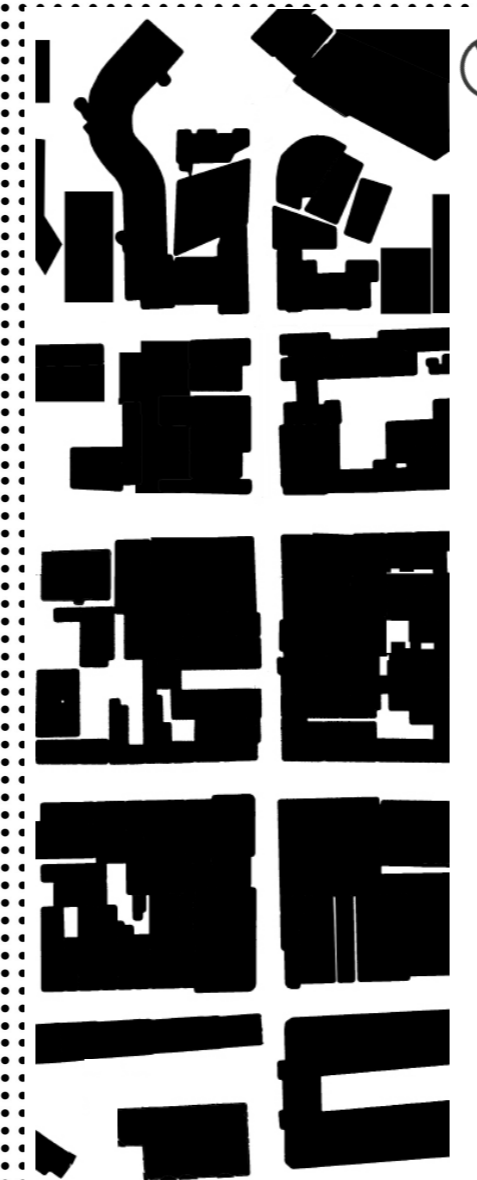
A Rua Jerônimo Coelho, em muitas visitas de reconhecimento por todo o calçada do Centro histórico acabou sendo escolhida por sua representatividade, possibilidades cênicas e crescente importância na malha viária na escala do pedestre. Esta também é uma via com características bastante diversas ao longo de todo seu trecho, como será a apresentado, portanto ideal para ensaios de projeto urbano a serem possivelmente replicados no bairro ou ainda mais amplamente. Esse potencial piloto é reconhecido pela prefeitura, que tem voltado suas atenções para a via com ações e propostas de requalificação iminentes.



Vistas da Rua Jerônimo Coelho. Fotos da Autora, 2015.



Configuração atual da Rua



Recorte de intervenção



Mapa de cheios e vazios

Topográfico
Sem Escala

Sem escala. Fonte: Google; modificações da autora., 2015.

Breve Histórico recente e características gerais

A Rua Jerônimo Coelho foi uma das últimas a ser adicionada ao percurso exclusivo para pedestres, em 2003, sendo que somente em 2012 passou por reformas de adaptação para o percurso a pé, com drenagem, nivelamento e remoção do asfalto, além da nova pavimentação de blocos de concreto, que identifica as ruas do calçadão. A via tem 427 m de comprimento, sendo o primeiro trecho, na cota mais baixa calçadão exclusivo para pedestres com 205 m, outros 54m compartilhados com automóvel e 170 metros de via comum com pista dupla para automóvel, contando com a circulação de 9 linhas de ônibus municipais, interligando centro, norte e leste da Ilha, além de ser cruzada por 15 Linhas Executivas que passam pela Rua Tenente Silveira. Mantendo a característica da malha central a ocupação é diversa e muito densificada, chegando a quase 100% de ocupação dos lotes. Os edifícios mostram muitas diferentes linguagens arquitetônicas, desde o Mercado Público Municipal, de 1899, passando por edifícios de galeria comercial ou concreto aparente claramente modernos até outros com aparência bastante contemporânea. Como uma via muito popular e utilizada, as alterações na arquitetura acontecem quase como um fenômeno natural que mantém a via em sua imagem sempre pulsante e presente no cotidiano do cidadão. Se em importância histórica talvez se colocaria como uma rua secundária frente a outras tão tradicionais como a Felipe Schimidt, Deodoro ou Conselheiro Mafra, na hierarquia de uso esta tem crescente importância, talvez uma das mais importantes desde a implantação do Terminal de Integração de Ônibus (TI-CEN), cujas plataformas se ligam ao centro precisamente pelo mercado público e a Jerônimo Coelho, tornando esta região quase como um saguão de entrada do Centro histórico hoje. A via continua atravessando o Centro em toda sua topografia acentuada, diversa e muito cênica, com desnível de 14m ligando a região do Terminal aos limites do centro histórico, em uma área de expansão mais moderna, pós década de 70. Graças a ligação com o terminal, estima-se que 100mil pessoas circulem por dia na rua (IPUF), portanto, é uma via que atualmente se identifica com a característica muito forte de seu fluxo intenso e comércio de rua. É também uma via documental da cidade, que se relaciona com a história urbana em sua formação e mantém

importância nos dias de hoje, apresentando muito potencial graças a sua animação intensa e diversa já presente, quase mandatária na área devido à obrigatoriedade do transporte, se dando em todos os dias e em todos os horários. Atualmente iniciativas da CDL tem tentado espalhar para outras ruas do centro a revitalização piloto executada na Rua Vidal Ramos (imagem à direita), que cruza a Jerônimo Coelho. Esse projeto conhecido como Vidal Ramos Open Shopping procura trabalhar com estratégias de traffic calming e comunicação visual para uma renovação e valorização da via, mas pode ser muito criticado pela sua padronização, higienização e homogeneização da rua, eliminando seu caráter próprio e identidade e tornando-a um local segregado no Centro, que tem uma característica historicamente democrática. A transformação do espaço em Open Shopping mostra claramente estratégias de urbanismo, o que desenha um claro limite acaba por impor um padrão ao visitante que chega.

Proposta de Revitalização

Seja pela proximidade ou pela até poucos anos total falta de infraestrutura da rua como calçadão, a Jerônimo Coelho foi escolhida como próxima rua a ser revitalizada nos moldes Open Shopping. A Prefeitura toma ação já em 2012, iniciando com a drenagem e repavimentação da via, porém a proposta não tem continuidade.

Recentemente, em outubro de 2015 um anteprojeto foi apresentado pelo escritório AF, Arquitetura, da equipe formada pelos arquitetos André Fornari, Bernardo Mesquita, Elisa Tonelli e Lucas Dias, realizado com auxílio do Sebrae, CDL e Prefeitura Municipal de Florianópolis. O projeto se estende com os mesmos critérios também as Ruas Conselheiro Mafra e se estendendo para além da Praça XV de Novembro para a Rua João Pinto, as três vias com características bastante distintas. As imagens apresentadas ao lado mostram a proposta de revitalização da Jerônimo Coelho. Os projetos foram bem recebidos pelas entidades e agora aguardam apoio para etapa executiva, sem previsão de continuidade.

Essas imagens renderizadas foram tornadas públicas para discussão com comerciantes e a comunidade. Apesar dos poucos detalhes disponíveis para análise, esse projeto parece mais contemporâneo e menos impositivo que seu antecessor em questão de comunicação visual, por exemplo, sendo uma proposta com menor intervenção, apoiada especialmente no uso do mobiliário. Entretanto, semelhante à proposta do Open Shopping Vidal Ramos, esse projeto parece desconsiderar a identidade da rua e seu grande fluxo de passantes, e homogeneizando o tratamento das três vias, que são muito distintas em hierarquia, fluxo e usos. Parece muitas vezes desenhar mobiliário que me parece incompatível com os pedestres que usam a rua e por vezes uma organização mais distintiva de fluxos de automóveis e pessoas poderia ser benéfica.



A Rua Vidal Ramos em sua intersecção com a Rua Jerônimo Coelho. Imagem da autora. Fev. 2016

Imagens digitais da proposta do escritório AF, Arquitetura para a Rua Jerônimo Coelho. AF, Arquitetura, 2015.



Esvaziamento fora do período comercial



Abandono e má conservação



Estacionamento irregular e veículos de grande porte



Separação insegura entre pedestres e veículos Pavimentação não adaptada e sem padrão.



Dificuldades de Infraestrutura e manutenção Calçada muito pequena.



Elementos problemáticos e fraquezas

Mapa de Usos



Comércio

-  Galeria
-  Banca
-  Cosméticos
-  Farmácia
-  Informática
-  Livraria
-  Ótica
-  Supermercado
-  Vestuário






Serviços

-  Academia
-  Agência Bancária
-  Bar
-  Café
-  Celular
-  Confeitaria
-  Costureiro
-  Escritório
-  Estética
-  Estacionamento
-  Financeira
-  Lanchonete
-  Lavanderia
-  Lotérica
-  Manutenção
-  Médico/dentista
-  Padaria
-  Restaurante
-  Salão de beleza
-  Sanitário Público
-  Viagem/Câmbio

Institucional

-  Biblioteca
-  Serv. público

Outros

-  Aluguel comercial
-  Abandonado
-  Demolido
-  Estacionamento
-  Lavação carros

 Percurso da galeria

 Residencial



Apresenta comércio diversificado: 5 galerias comerciais, comércio de rua, destacando-se os bancos, os ambulantes, serviço público e de saúde. Essa via tem por característica uma clara diversidade e efervescência própria, com grande perspectiva para observação ideal para o estudo e observação da urbanidade espontânea e pouco planejada por profissionais. Dessa forma, a via não necessita de atrações para garantir presença de usuários, mas apresentando grandes oportunidades para manter e irradiar vitalidade urbana e permanência se melhor aproveitada em elementos chaves de sua urbanidade.



Uso e apropriação espontânea da rua

Requalificação do Desenho Urbano

+ Mobiliário modular

Diretrizes

Ações de Projeto

Mobiliário Modular Urbano

Combinável e adaptável para atender
múltiplas necessidades urbanas

Destaque às galerias recentes

Identificação das entradas com o uso de
marqueses e totens como linguagem e
comunicação através da arquitetura
Requalificação da iluminação e aberturas

Requalificação da Via

Hierarquização dos espaços de pedestres e
veículos
Qualificação do piso para percurso com
continuidade linear
Inserção de praças nos largos

Minha proposta pretende identificar diretrizes de intervenção específicas para a Rua Jerônimo Coelho, que podem, porém, ser adaptadas e irradiadas para qualificação de outras áreas da região central em que tais ações se mostrarem necessárias. Seguindo essas diretrizes como critério, a materialização digital da proposta pretende destacar uma intervenção factível e conectada com as necessidades atuais existentes, participativa e processual, que pretende se colocar como uma prática não impositiva e dialógica da arquitetura.

Dentro dessa lógica aberta e replicável, parte importante da proposta é o mobiliário modular resistente, que é composto por módulos de fácil execução e numerosas combinações, que inicialmente é o principal elemento a se adequar e ser utilizado também em outras áreas da cidade.

Qualificar a área com ações factíveis e apropriáveis. O desenho urbano pretende ser sensível ao existente e possibilitador, seu uso e significado se colocando como processo dentro das dinâmicas de formação da urbanidade. A proposta caracteriza-se como não impositiva, facilitadora de relações e possibilitadora de usos alternativos pelo indivíduo, significando o projeto no uso. Especialmente o mobiliário modular se coloca como essa ponte de relações com o usuário, por sua escala tocável e imediata ao indivíduo.

Projeto orientado à organização dos fluxos na escala do pedestre. A Rua Jerônimo Coelho tem como características fortes a topografia acentuada e a hibridez entre calçada exclusiva para pedestres e via com tráfego, em alguns momentos até coincidindo essas características. Um dos pontos problemáticos mais facilmente observáveis são as muitas configurações da rua que não necessariamente tem uma transição clara e tornam os fluxos de pedestres e veículos por vezes confusa. Uma organização desses fluxos para que a rua possa ser usada com mais generosidade e segurança pela alta demanda de pedestres é diretriz primordial do desenho da rua.

Preservação da característica local e consolidação da urbanidade existente. Também frente a essa demanda e a animação já presente à rua, coloca-se a diretriz de preservação da identidade e mínima intervenção ou qualificação respeitosa com o existente. Procura-se propor o projeto com estratégias que se colocam no objetivo de aproveitar e enaltecer a urbanidade intrínseca à via, sem desviar sua vocação de passagem com excesso de atividades ou de adições arquitetônicas que colocariam o foco no projeto. Busca-se contribuir para essa atmosfera agradável e urbana que a rua já tem, adicionando qualidade à experiência do lugar com mobiliário de apoio e organização dos fluxos.

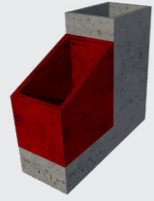
Projetar espaços diversos e democráticos, relacionados com o todo. A proposta se orienta para o desenho de espaços em diferentes ambiências urbanas que com suas disparidades contribuem para a dinâmica urbana e urbanidade. Na diferença os locais se tornam complementares, relacionando-se mutuamente de forma a contribuir para a animação e a diversidade do Centro.

MOBILIÁRIO MODULAR URBANO

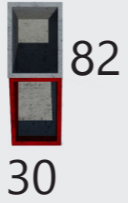
BASE



floreira/bituqueira

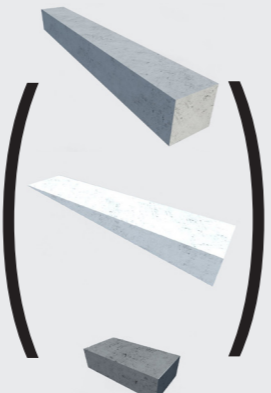


lixeira orgânico/reciclável



espessura 0,05 m
volume 0,12 m³
peso próprio 50 kg

BANCO



banco
volume 0,33 m³
peso próprio 120 kg

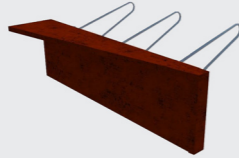
mão francesa
volume 0,03 m³
peso próprio 13,5 kg

base
volume 0,02 m³
peso próprio 11,5 kg

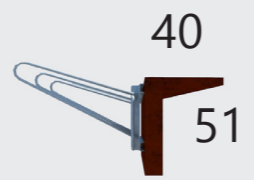
TOTEM



informação/sinalização



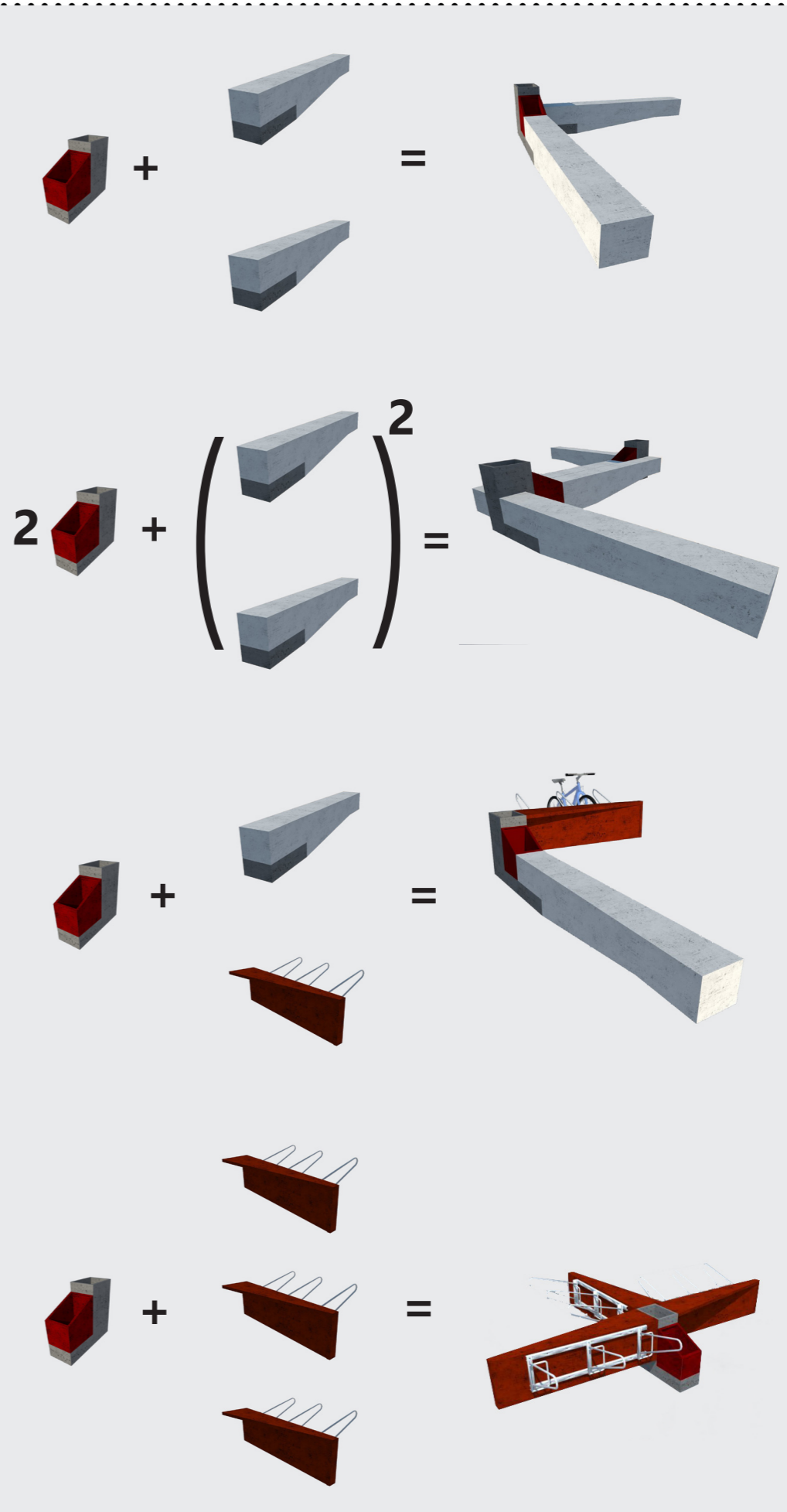
bicicletário



espessura 0,1 m
volume 0,11 m³
peso próprio 47 kg
+ suporte bicicleta

Obs: Dimensões sem revestimento.


Combinações Modulares




O mobiliário modular pretende qualificar, contribuir para identidade local e sugerir novas possibilidades de apropriação da área. Composto de um módulo central que pode ser lixeira ou floreira, este apoia módulos laterais que inicialmente são banco e bicicletário, podendo fazer as vezes de mesa, display para o comércio ambulante, totem informativo e outras possibilidades em aberto, conforme a apropriação do usuário. A escolha da execução predominantemente em concreto é feita por ser um material resistente e urbano, familiar ao ambiente citadino da cidade brasileira, invocando até uma memória arquitetônica nacional. A execução dos blocos simples individuais e sua junção com argamassa não é dificuldade para a mão de obra, o que se torna um fator econômico interessante para manutenção e reposição. A execução e modulação dos blocos também é pensada para facilitar o transporte e montagem, com peso próprio compatível com a carga máxima para o operário segundo a CLT de 60 kg.


Os blocos de concreto celular foram escolhidos por sua leveza para transporte, dessa forma eles devem ser fixados com junta de argamassa e locados no piso com a mesma argamassa para fixação e nivelamento. Blocos de concreto celular tem baixa resistência a intempérie, portanto devem ser revestidos de argamassa de emboço e reboco no após fixação no local. Os elementos de aço foram colocados para complementar as funcionalidades das peças mantendo a resistência mas sem acrescentar demasiado peso. Pela solidez e resistência, os blocos também são usados como comunicação visual aplicada a técnicas de *traffic calming*, locados em posições estratégicas para o estímulo a redução de velocidade e impedimento do estacionamento em locais destinados ao calçadão, prática muito comum especialmente na região da esquina com a Rua Tenente Silveira, uma área híbrida de calçadão e passagem para carros.

Materiais

 **Bloco Concreto Celular**
Normal e pigmentado
Resistência 2 MPa

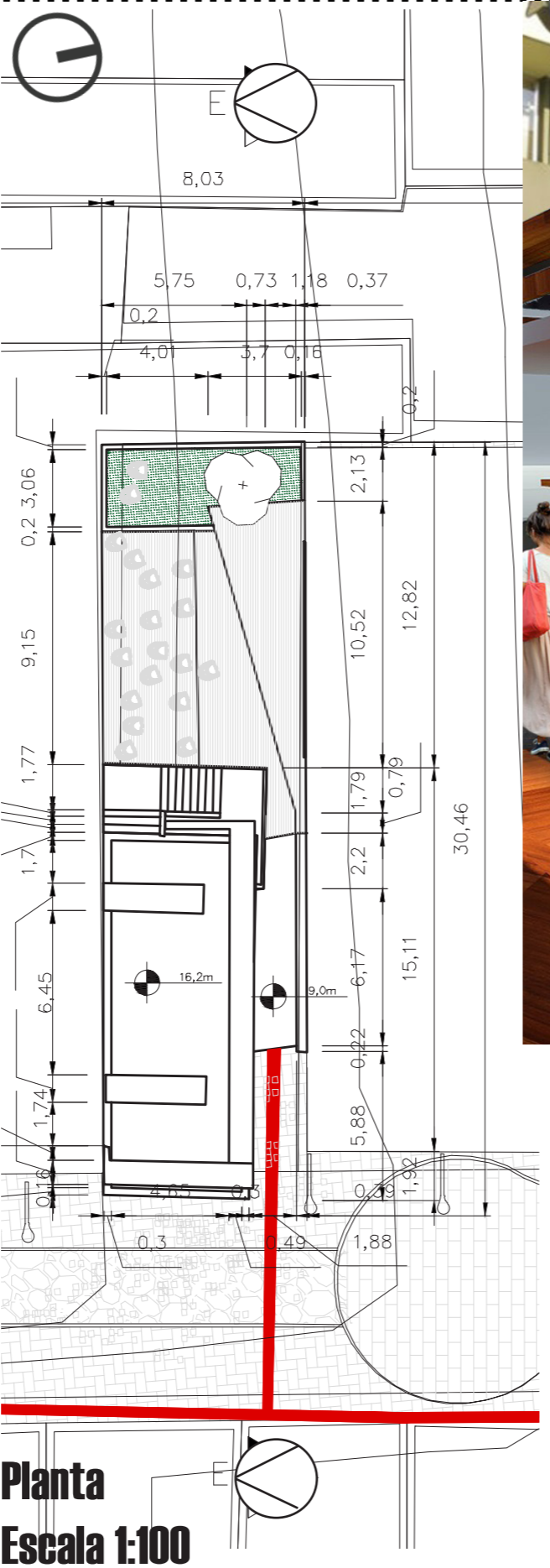
Revestimento 1mm
Emboço 1 cimento : 2 cal : 9 areia
Reboco 1 cal : 3 areia

 **Aço Corten**
ASTM A 242
19 mm

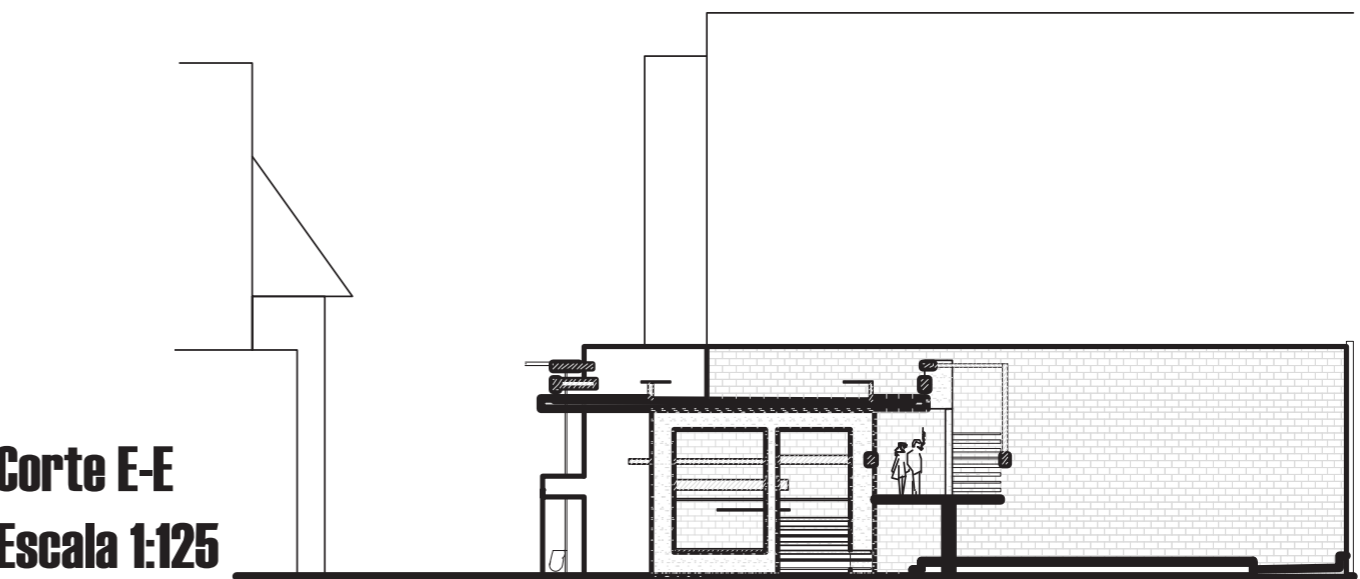
 **Aço Inox**
Austenítico
301

Junta e fixação ao chão
Argamassa comum 10 mm
1 cimento : 6 areia : 1/2cal

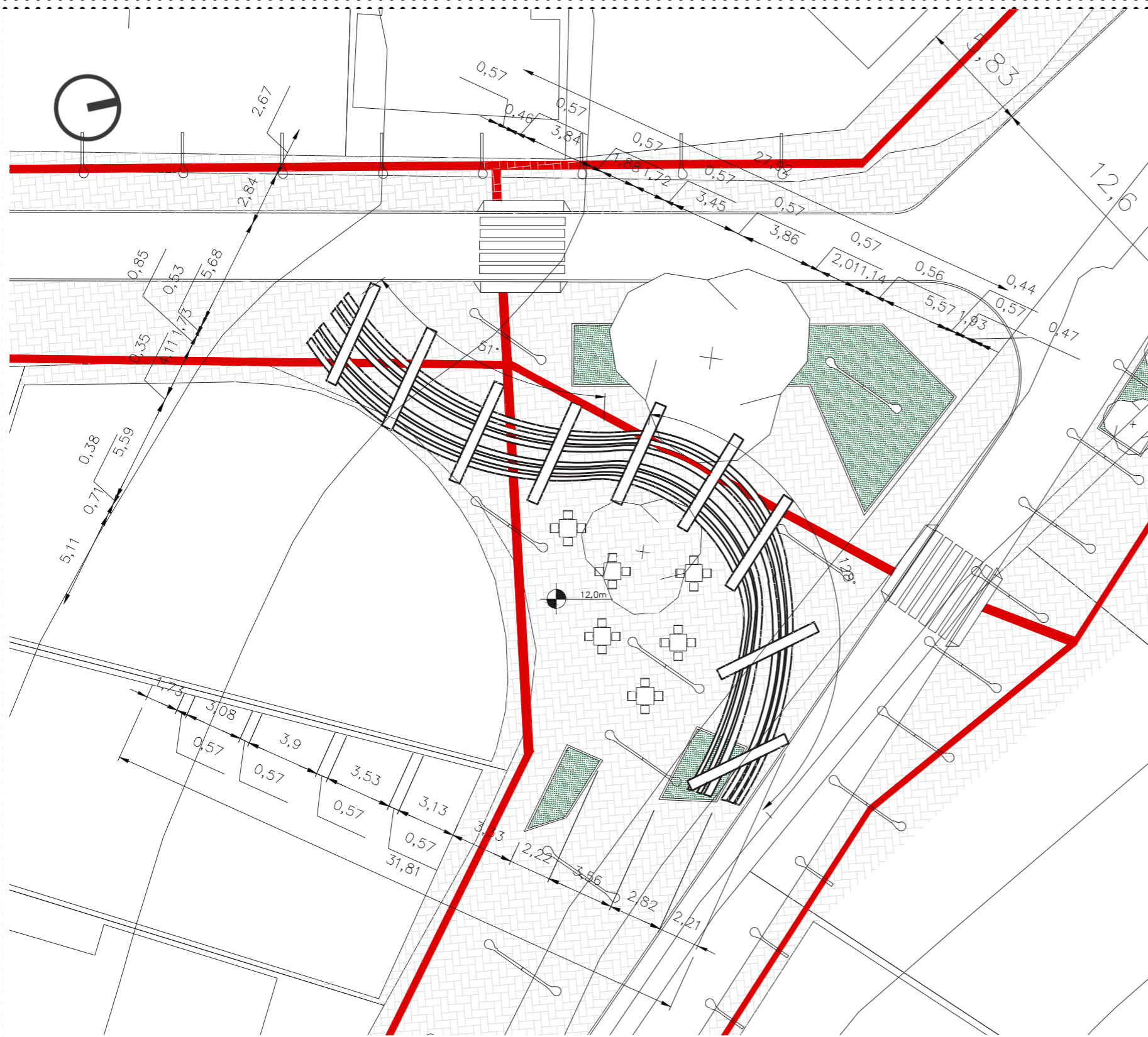
Fonte: TCPO, 2000.



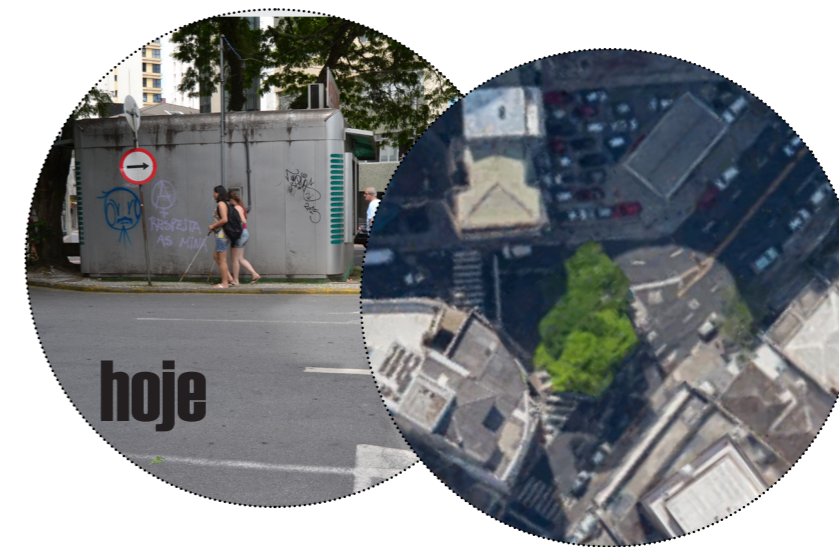
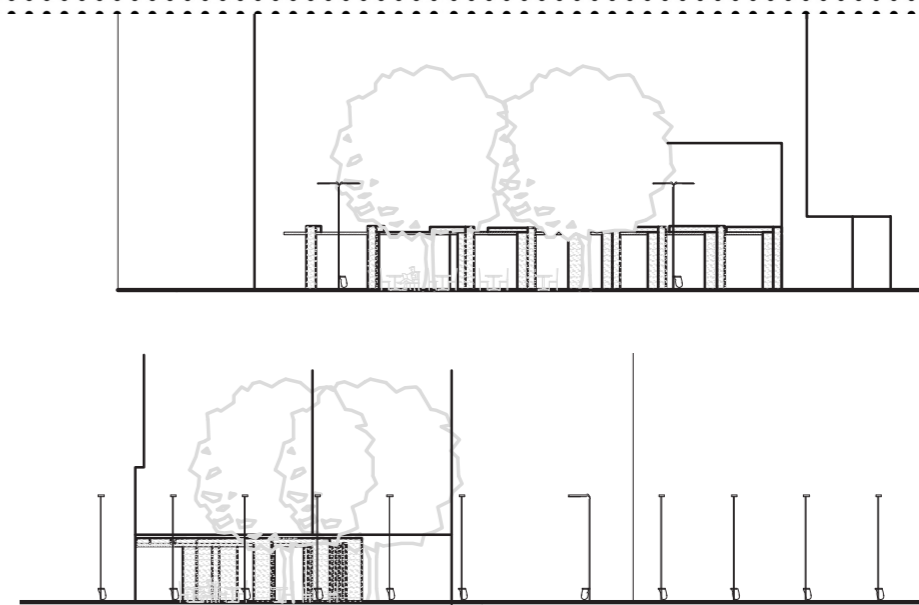
Planta
Escala 1:100



Corte E-E
Escala 1:125



Planta
Escala 1:100

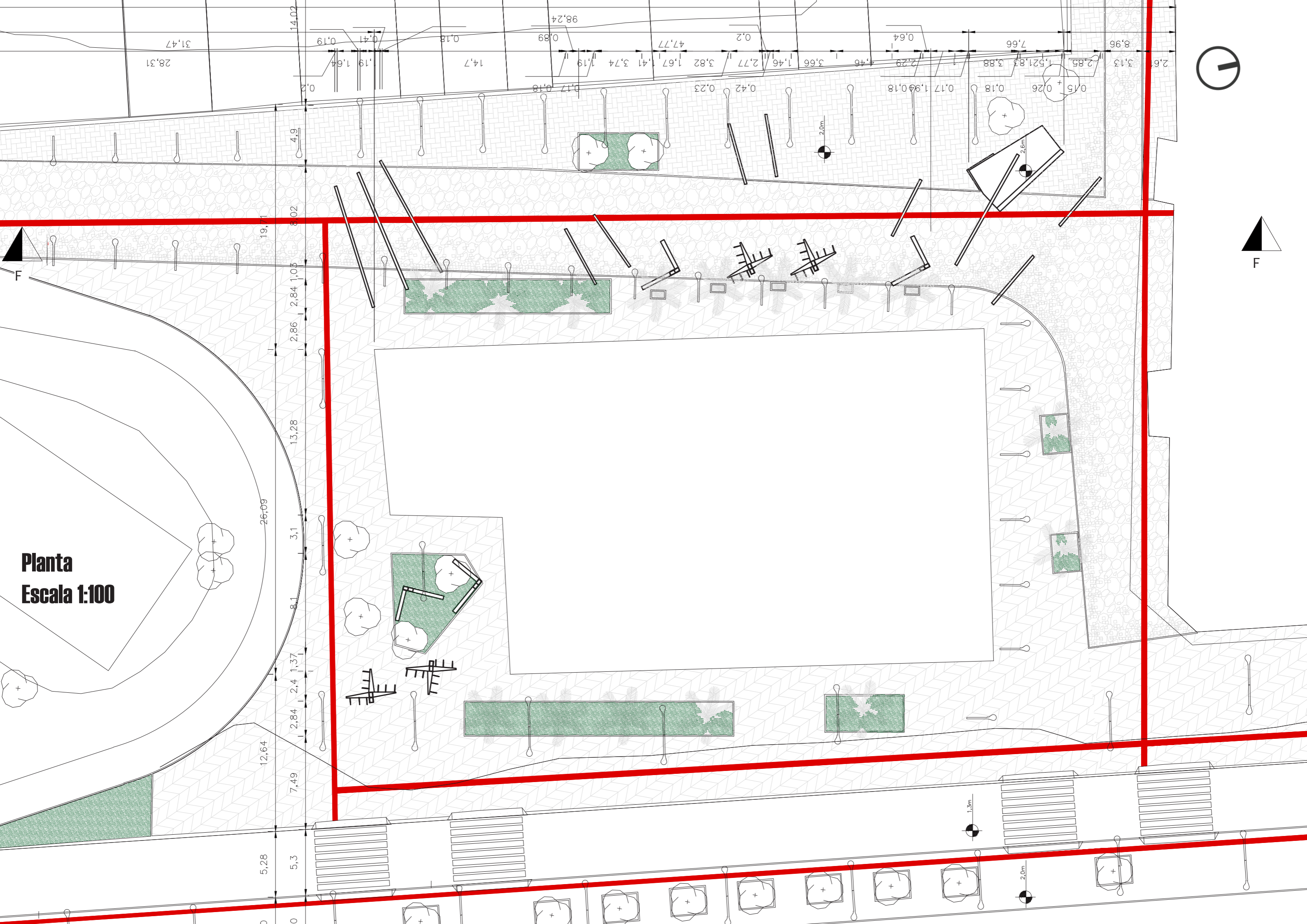


Largo do Ceisa



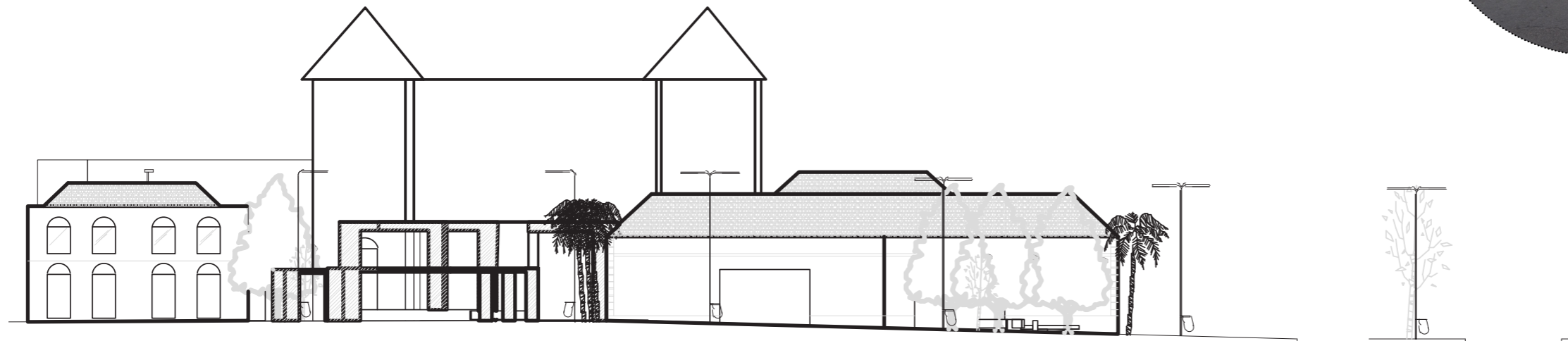
O CENTRO DE FLORIANÓPOLIS E A RUA JERÔNIMO COELHO: UM ENSAIO DE URBANIDADE NA PASSAGEM URBANA
20162_TCC II RAFAELA REGINA DE SOUZA ORIENTADOR_LUIZ EDUARDO FONTOURA TEIXEIRA

Planta
Escala 1:100





O CENTRO DE FLORIANÓPOLIS E A RUA JERÔNIMO COELHO: UM ENSAIO DE URBANIDADE NA PASSAGEM URBANA
20162_TCC II **RAFAELA REGINA DE SOUZA** **ORIENTADOR_LUIZ EDUARDO FONTOURA TEIXEIRA**



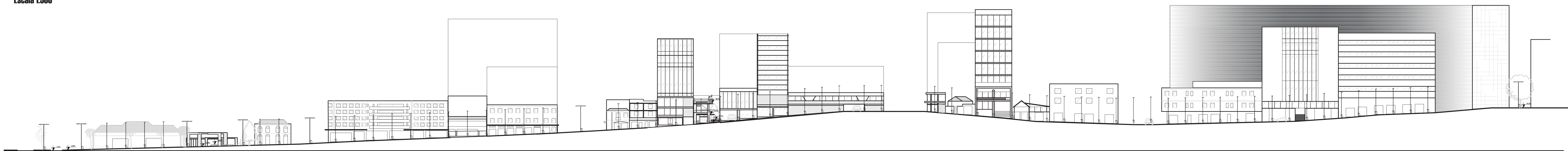
Corte F-F

Escala 1:250



Planta Baixa Geral
Escala 1:500

Corte Longitudinal
Escala 1:500



Considerações Finais

Dentro da proposta, procurou-se materializar as diretrizes de intervenção, focando na participação, na experiência, em ações factíveis e que respondessem a demandas da cidade real. A proposta do espaço e da arquitetura foi sempre referenciada e retralmentada pela cidade, procurando ser uma reflexão aplicada e ao mesmo tempo voltada para a busca de questionamentos.

Procurou-se materializar o entendimento de que a passagem oferece também muitas possibilidades urbanas e de experiência do sujeito, que o passante também tem um grau de envolvimento nas relações do espaço e que essa percepção em movimento é rica e um critério necessário para o entendimento e planejamento de cidades desde o moderno. A preconcepção de que o passante é alheio não é inteiramente precisa e o movimento está intrinsecamente relacionado com a urbanidade, parecendo até intensificá-la.

A urbanidade, por sua vez, foi o conceito que norteou todas essas concepções, procurando ainda que na superfície, tentar decodificar partes deste fenômeno e suas motivações. Esse conceito tão dinâmico levou à diretriz do projeto participativo, consolidador e adaptável, chegando na concepção modular e de fácil mobilidade e execução como alternativa natural. Ainda é pouco o uso do projeto modular no Brasil, considerando os benefícios que poderia ter para um país carente de infraestrutura e pleno de boas ideias a serem experimentadas e difundidas.

O espaço público apesar de fraquezas relacionadas ao contexto de alienação e violência cotidianos, permanece o centro do encontro e animado em possibilidades, o lugar em que cumprimos a urbanidade no sentido de contrato de costumes e de relações espaciais mediadas pelo construído. Mesmo em tempos virtuais, a concepção do espaço das cidades é assunto constante, possivelmente porque agora mais do que nunca ela precisa estar sempre sendo discutida, experimentada e recriada. Essa atitude processual e participativa, se não como critério assumido pelos técnicos, chega inevitavelmente através das demandas da população, que felizmente tem se atentado e participado mais, no Brasil especialmente após a instituição dos Planos Diretores Participativos. O papel do profissional então, me parece, passa a se inserir ainda mais nessa dimensão humana e relacional, e, muito como o espaço em si, de mediar as concepções e relações, propondo ideias que se tenham o existente como ponto de partida, diminuindo prazos e apontando resultados rapidamente para reavaliação, num processo constante.

Dessa forma, nossas cidades latinoamericanas são reavaliadas e valorizadas em sua existência, analisadas e melhoradas dentro de seu próprio contexto, com reflexões e caminhos próprios para um todo democrático e coeso, que reflete os sujeitos a qual pertence.

AUGÉ, Marc. Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo, Papirus, 1994.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis. Subsídios Teóricos do Conceito Cultura para entender o Lazer e suas Políticas Públicas. Conexões v. 2, n.1, 2004.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas II. Rua de mão única. São Paulo, Ed. Brasiliense, 5ª edição. 1995.

BOGÉA, Marta. Cidade errante. Arquitetura em movimento. São Paulo, Ed. Senac São Paulo. 2009.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Corpocidade. Debates, Ações e Articulações. Salvador, EDUFBA, 2010.

BUCK-MORSS, Susan. Dialética do olhar. Walter Benjamin e o Projeto das Passagens. Belo Horizonte, Ed. UFMG. 2002.

CASTELLO, Lineu. O COMÉRCIO E O LUGAR DA URBANIDADE: : UMA RELAÇÃO DE ORIGEM. In: Colóquio Internacional Sobre Comércio e Cidade: Uma relação de origem, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/2_cincci/1004_Castelo.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2015.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis, Ed. Vozes, 15ª edição. 2008.

FREIRE, Cristina. Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo, Anna-blume. 1997.

INTERNATIONAL CONGRESS ON ADAPTIVE URBANISM. Suzanne Vallance, Ryan Reynolds, Timothy Moore, Brie Sherow, Sally Carlton and Darren Davis. Adaptive Urbanism report. Christchurch, 2014.

FUÃO, Fernando Freitas (Coord). Arquiteturas fantásticas. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1999.

BIENNALE DE PARIS. Dossier de Presse A la recherche de l'urbanité. Première exposition d'architecture. Centre Georges Pompidou, EDITIONS ACADEMY DE PARIS, 1980.

GOMES, Christianne Luce. Lazer Urbano, Contemporaneidade e Educação das Sensibilidades. Revista Itinerarium v.1, 2008.

HARVEY, David. Espaços de Esperança. São Paulo, Ed. Loyola. 2004.

JACQUES, Paola Berenstein (Org.). Apologia da deriva. Escritos Situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro, Casa da Palavra. 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Salvador, EDUFBA, 2ª edição. 2014.

KAPP, Silke. De Simmel ao cotidiano na metrópole pós-urbana. Cad. Metrop., São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 439-450, jul/dez 2011.

KAPP, Silke. A Cidade como Espaço Teórico. Congresso Imagem, Imaginação, Fantasia. Vinte anos sem Vilém Flusser. Ouro Preto, 2011.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck; MONTEIRO, Cássia Maria Fernandes. Entre arquiteturas e cenografias. A arquiteta Lina Bo Bardi e o teatro. Rio de Janeiro, Contra Capa. 2012.

MILAGRES, Lígia; KAPP, Silke; BALTAZAR, Ana Paula. A produção do espaço cotidiano de uso público. VIRUS, São Carlos, n.4, dez. 2010.

ELLIN, Nan. Postmodern Urbanism. Princeton: Princeton Architectural Press, 1999. 392 p.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele. A arquitetura e os sentidos. Porto Alegre, Bookman. 2013.

PALLASMAA, Juhani. As mãos inteligentes. A sabedoria existencial e corporalizada na arquitetura. Porto Alegre, Bookman. 2013.

PULS, Maurício. Arquitetura e Filosofia. São Paulo, Annablume, 2ª edição. 2009.

ROCHER, Guy. Sociologia Geral. Lisboa, Ed. Presença. 1977.

ROLNIK, Raquel. O lazer humaniza o espaço urbano. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2008/08/19/o-lazer-humaniza-o-espaco-urbano/> Acesso em: 20 dez. 2015.

SANTOS, Milton. O espaço da cidadania e outras reflexões. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

SILVA, Diego Fagundes da. Utopias e Micro-Utopias: Abordagens e Práticas Criativas para a Arquitetura no Campo Expandido. Dissertação de Mestrado. PGAU-UFSC. Florianópolis, 2014.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. 1903.

TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura; YUNES, Gilberto Sarkis; SOUZA, Rafaela Regina de. Edifícios Institucionais Modernos em Florianópolis. In Situ, São Paulo, v. 2, n. 1, p.23-40, jul. 2015. Semestral. Disponível em: <<http://www.revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/situs/article/view/324>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

VILLARINO, Miguel Gómez. "Dez equívocos sobre a urbanização global a partir de uma análise da América Latina". Fev 2016. ArchDaily Brasil. (Trad. Sbeghen Ghisleni, Camila) <<http://www.archdaily.com.br/br/782550/dez-equivocos-sobre-a-urbanizacao-mundial-desde-a-america-latina>> Acesso em: 26 fev. 2016.

VIRILIO, Paul. O espaço crítico. São Paulo, Ed. 34. 1993

WALZBORT, Leopoldo. As aventuras de Georg Simmel. São Paulo, Ed. 34, 2ª edição. 2006.

Notícias

ALVES, Felipe. Centro Sapiens deve revitalizar a região [...]. 2015. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/282235-centro-sapiens-deve-revitalizar-a-regiao-leste-do-centro-historico-de-florianopolis.html>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

ALVES, Felipe. CDL apresenta projeto de revitalização [...]. 2015. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/289942-cdl-apresenta-projeto-de-revitalizacao-das-ruas-conselheiro-mafra-e-jeronimo-coelho.html>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

Governo do Estado de Minas Gerais. Praça Sete – o coração fervilhante de BH. Disponível em: <<http://www.belohorizonte.mg.gov.br/atrativos/roteiros/praca-sete-o-coracao-fervilhante-de-bh>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

MATHIAS, Letícia. Jerônimo Coelho, no Centro de Florianópolis [...]. 2012. Disponível em: <<http://www.ndonline.com.br/florianopolis/noticias/26649-jeronimo-coelho-no-centro-de-florianopolis-sera-revitalizada-nos-mesmos-moldes-da-vidal-ramos.html>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

MATHIAS, Letícia. Primeira fase da revitalização [...]. 2012. Disponível em: <<http://www.ndonline.com.br/florianopolis/noticias/35631-primeira-fase-da-revitalizacao-da-jeronimo-coelho-e-entregue.html>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

ROSA, Edson. Inventário revela falta de 2.500 árvores em ruas e avenidas centrais de Florianópolis. 2016. Disponível em: <<http://m.ndonline.com.br/florianopolis/noticias/298971-inventario-revela-falta-de-pe-lo-menos-2-500-arvores-em-ruas-e-avenidas-centrais-de-florianopolis.html>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

STEPANSKI, Elaine. Florianópolis reforça vocação em polo de tecnologia [...]. 2015. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/290128-florianopolis-reforca-vocacao-em-polo-de-tecnologia-e-se-dia-lancamento-do-lide-futuro.html>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

WERNECK, Gustavo. Conheça a história dos quatro cantos da Praça Sete. 2012. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/07/21/interna_gerais,307333/conheca-a-historia-dos-quatro-cantos-da-praca-sete.shtml>. Acesso em: 25 fev. 2016.